

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNA TOLEDO

**A SOCIEDADE DO ÓDIO: UM ESTUDO DE CASO DO
GRUPO DA UNICAMP NO FACEBOOK**

CAMPINAS
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNA TOLEDO

**A SOCIEDADE DO ÓDIO: UM ESTUDO DE CASO DO
GRUPO DA UNICAMP NO FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para conclusão da graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Carolina Catini.

CAMPINAS
2016

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Toledo, Bruna, 1993-
T575vcs A sociedade do ódio : um estudo de caso do grupo da UNICAMP no Facebook
/ Bruna Toledo. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Carolina de Roig Catini.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ódio - Aspectos sociais. 2. Redes sociais. 3. Cultura. I. Catini, Carolina de
Roig, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Licenciatura em Pedagogia

Data de entrega do trabalho definitivo: 30-12-2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

Campinas, 16 de Novembro de 2016.

Prof.^a Dr.^a Carolina Catini
Orientadora

Prof. Dr. Antonio Carlos Dias Junior
Segundo leitor

AGRADECIMENTO

Agradeço, principalmente e inicialmente a minha mãe Carmen Toledo, pelo apoio e amor contínuo, desde sempre. Não sei quem eu seria sem você, mas sei que não seria eu. Sei que o seu caminho não foi fácil, sei que criar eu e meus irmãos foi uma missão muito difícil, mas agradeço profundamente por você ter feito isso com tanto amor, carinho e dedicação. Não poderia, jamais, haver alguém melhor para assumir esse papel. Espero que algum dia eu seja uma pessoa tão maravilhosa quanto você.

Agradeço, secundamente a minha Orientadora Carolina Catini, pela confiança, acolhimento e dedicação durante a realização desse trabalho. Apesar da correria fez questão de me ajudar o máximo que pôde.

Agradeço, terceiramente, ao meu namorado Felipe Caminada, pela paciência, força e toda ajuda que tem me proporcionado não só durante a realização desse trabalho, mas durante toda nossa história juntos.

Finalmente, agradeço a muitos amigos que me ajudaram a passar por todos esses anos de formação, sem me deixar perder a cabeça ou ficar muito amargurada com a nossa difícil realidade. Nomeio-os aqui, em ordem alfabética: Ellen, Evelyn, Floriza, Francieli, Giovanna, Lais, Lucas, Maíra, Milena e Vanessa.

RESUMO

Diante das vivências cada vez mais comuns de ódio em redes sociais, esse trabalho tem como objetivo estudar esse ódio, tão presente na atualidade, buscando entender suas causas tanto na psicologia como na sociologia. Para isso utiliza-se e analisa postagens e comentários retirados do grupo do Facebook “UNICAMP”.

Em caráter conclusivo, pretende trazer, de forma breve e geral, reflexões acerca da escola e da prática docente, apresentando possibilidades para uma educação mais humana.

Palavras-chave: Ódio; redes sociais; cultura.

ABSTRACT

In front of the ever more frequent hate experiences on social media, this paper has the objective of studying this hate that is so present nowadays, trying to understand its causes both psychologically and sociologically. To do so, some posts and comments are used and analyzed from the Facebook group “UNICAMP”.

In a conclusive manner, it intends to bring in a brief and general manner, reflexions about school and teacher’s practice, presenting possibilities for a more humane education.

Keywords: hate; social media; culture.

Lista de Figuras

Figura 1- Gráfico "Discurso de Ódio"	10
Figura 2- Resultados para o termo "Hater".....	10
Figura 3- Comentários do vídeo “Soco na Cara, Protestos 13/03 e Teatro”	13
Figura 4- Postagem do Facebook para Amanda Todd.....	14
Figura 5- Comentário no vídeo “Cover of Outside Looking In by Jordan Pruitt”	15
Figura 6- Resultado de imagens pelo termo “Bait”	26
Figura 7- Postagem BAIT	27
Figura 8- Comentários da postagem BAIT	29
Figura 9- Comentários da postagem por empatia	33
Figura 10- Comentários de bloqueio	35
Figura 11- Divulgação Semana da Educação	37
Figura 12- Comentário da Postagem de Divulgação.....	37
Figura 13- Comentário do Posicionamento de Vermelho	38
Figura 14- Charge "Golpe"	40
Figura 15- Sociedade de Massas (CLIFE)	44
Figura 16- Passividade (CLIFE)	45
Figura 17- Ignorando a realidade (CLIFE)	45
Figura 18- Monstro de Ódio (CLIFE)	46
Figura 19- Mundo virtual (CLIFE).....	47
Figura 20- Humilhação do outro (CLIFE)	48
Figura 21- Consequências do ódio (CLIFE)	48
Figura 22- Fim (CLIFE)	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ÓDIO	12
2.1 Caso 1 – Ódio do Virtual para o Real.....	12
2.2 Caso 2 – Ódio do Real para o Virtual.....	13
2.3 Entendendo o Ódio	15
3 GRUPO DA UNICAMP	25
3.1 Baits	26
3.2 Descaso com o sofrimento alheio	31
3.3 Bloqueio do Outro que Discorda	34
3.4 Ataques Contra a Educação	36
4 POST SCRIPTUM.....	42
5 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da internet muita coisa mudou no relacionamento humano. As redes sociais passaram a fazer parte do dia a dia de grande parte da população brasileira. Na Campus Party¹, festival realizado em 2016, foi anunciado que, no Brasil, oito a cada dez pessoas utilizam a rede social que já ultrapassa mais de cem milhões de usuários no país.

Com isso desenvolveram-se novas formas de interação. A sociedade passou a se relacionar de forma diferente, o que gera, também, novos conflitos a serem pensados.

Está cada vez mais comum encontrar “polêmicas” que surgiram em redes sociais particulares e que por algum motivo específico, foram compartilhadas milhares de vezes, espalhando-se por todo o Brasil e recebendo, assim, diversos tipos de reação.

Uma dessas reações é o ódio, que tem se tornado algo corriqueiro na vida dos usuários das redes sociais. Atualmente não é difícil encontrar páginas inteiras destinadas a postagens de imagens dedicadas ao discurso de ódio e a incitação de violência a determinados grupos sociais.

Até mesmo a busca pelo termo “discurso de ódio” cresceu nos últimos anos, como podemos ver no gráfico abaixo, gerado pelo Google Trends, que mostra o interesse² pelo termo “discurso de ódio” desde janeiro de 2005 até o dia 18 de outubro de 2016:

¹ Mais informações em: <http://brasil.campus-party.org/> (Acesso 22 de outubro de 2016)

² “Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 é o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Da mesma forma, uma pontuação de 0 significa que o termo teve menos de 1% da popularidade que o pico” (GOOGLE TRENDS, 2016).

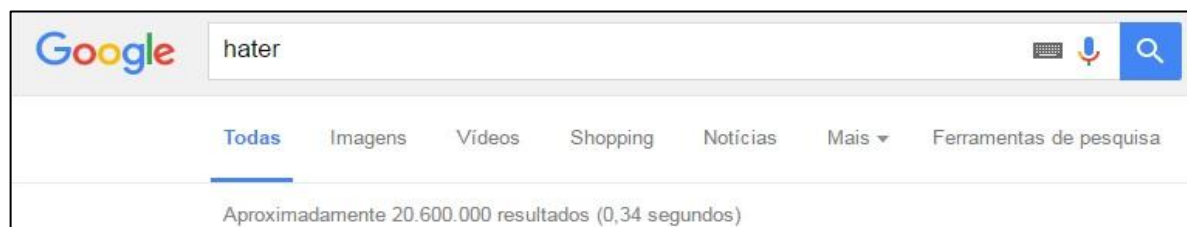
Figura 1- Gráfico "Discurso de Ódio"



GOOGLE TRENDS (2016)

O problema cresceu tanto que já existe um termo específico para denominar as pessoas que comentam em redes sociais com o discurso de ódio: são os *haters* (odiadores). Esse termo é amplamente utilizado na internet atualmente e “é originário do hip hop norte-americano, e está relacionado à expressão ‘Haters Gonna Hate’ (Odiadores vão odiar)” (AMARAL & MONTEIRO, 2013 apud AMARAL; COIMBRA, 2015, p.300). Como fica claro na imagem abaixo o termo “hater” já apresenta mais de 20 milhões de resultados no site de pesquisa Google:

Figura 2- Resultados para o termo "Hater"



Fonte: GOOGLE (2016a)

A escola, como um espaço de formação, situado em um momento histórico específico tem a necessidade de lidar com os problemas desse tempo. Diante dos

dados apresentados acima, evidencia-se que o ódio nas redes sociais é um problema latente que já está interferindo diretamente na vida dos usuários da internet, que, através de busca em sites de pesquisa manifestam seu desconforto.

A escola, nesse contexto, não pode, de forma nenhuma, se ausentar de seu papel social. Essa pesquisa, ao mostrar o ódio em sua realidade, assim como buscar suas causas, procura ajudar o profissional da área da educação a pensar em maneiras de modificar sua prática para que esta atenda a essas necessidades específicas.

Para alterar sua prática é necessário compreender o problema e por esse motivo, proponho nesse trabalho analisar o ódio nas redes sociais, tentando encontrar sua fonte para assim pensar em diretrizes gerais para combatê-lo com o uso da educação.

Para que isso seja possível pretendo fazer uma análise do ódio em si, procurando explicações para esse sentimento e, depois, fazer uma análise de algumas postagens retiradas do grupo da UNICAMP no Facebook, com o objetivo de me aproximar mais do objeto de estudo e por último, em caráter conclusivo, pretendo propor caminhos gerais para uma educação que vise libertar o sujeito desse ódio.

2 O ÓDIO

Para aqueles que não têm contato com as redes sociais, o ódio acaba por parecer um termo muito vago e abstrato, por esse motivo se faz necessário, inicialmente, conhecê-lo de forma geral, em seus mais diversos aspectos. Segue, então, alguns exemplos reais do ódio nas redes sociais.

2.1 Caso 1 – Ódio do Virtual para o Real

Esse caso foi selecionado pois demonstra um caso brasileiro da influência dos haters que chegou à vida real. Representa, então, um ódio que surgiu na internet e foi, posteriormente, levado para fora dela. A violência física sofrida ainda foi validada em comentários nas redes sociais.

O caso aconteceu com Paulo César Siqueira (conhecido na internet como PC Siqueira), produtor de conteúdo para o Youtube³ desde 2010, um dos primeiros brasileiros a ingressar na plataforma. Seu canal no Youtube já conta com mais de dois milhões de inscritos⁴.

No dia 14 de março de 2016 enquanto voltava para casa de ônibus encontrou um grupo de pessoas que começou a lhe insultar pelo conteúdo que compartilhava na internet, ocasionando uma briga na qual PC levou um soco no rosto.

Depois do incidente o produtor de conteúdo recebeu diversos comentários de ódio, os quais diziam que ele merecia mais do que apenas um soco no rosto, além de encontrar maneiras de justificar a violência sofrida.

PC relata toda a história em um vídeo intitulado “Soco na Cara, Protestos 13/03 e Teatro”⁵, nele é possível encontrar, sem muita dificuldade, comentários do mesmo gênero:

³ “O YouTube foi lançado em maio de 2005 para que bilhões de pessoas possam descobrir, assistir e compartilhar os vídeos mais originais já criados. O YouTube oferece um fórum para as pessoas se conectarem, se informarem e inspirarem umas às outras por todo o mundo, bem como atua como plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e anunciantes grandes e pequenos. O YouTube é uma empresa da Google” (SOBRE, 2005).

⁴ Inscritos são pessoas que seguem o canal de determinado produtor de conteúdo pela plataforma Youtube. Por esse motivo recebem um aviso a cada novo vídeo postado por essa pessoa. Não existe limite de seguidores e nem de inscrições.

⁵Siqueira, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HOtwMhI1WM4&ab_channel=maspoxavida>. Acesso em: 20 out. 2016.

Figura 3- Comentários do vídeo “Soco na Cara, Protestos 13/03 e Teatro”



Fonte: COMENTÁRIOS, 2016a

2. 2 Caso 2 – Ódio do Real para o Virtual

Esse caso foi selecionado por ter grande repercussão, além de caracterizar um ódio que surge na vida real e é passado para internet, ganhando, nesse meio, uma maior proporção.

Amanda Todd era uma jovem normal de apenas 12 anos que começou a sofrer bullying em sua escola após fotos de seus seios serem divulgadas pela internet por terceiros.

A garota mudou de cidade e escola diversas vezes, mas nunca conseguia se livrar das fotos ou do estigma gerado por elas. Amanda tentou cometer suicídio bebendo alvejante, mas foi socorrida a tempo.

Em 7 de Setembro de 2012, Amanda postou um vídeo⁶ pelo Youtube, contando sua história e pedindo ajuda, dizendo que se sentia sozinha, que não tinha ninguém com quem pudesse contar. Os comentários desse vídeo foram terríveis. Vários estranhos a culpabilizavam pela divulgação das fotos, dizendo que era uma pena que não tivesse conseguido se matar.

Seu Facebook se encheu de comentários maldosos e fotos de produtos de limpeza (muitos dos quais feitos por seus próprios colegas), pedindo para que ela

⁶Todd, 2012a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=vOHXGNxE7E&ab_channel=TheSomebodytoknow>. Acesso em: 20 out. 2016.

testasse produtos diferentes, a fim de ter êxito no suicídio. O exemplo abaixo mostra uma das postagens feitas na página da garota:

Figura 4- Postagem do Facebook para Amanda Todd



Fonte: FACEBOOK (AMANDA TODD), 2012.

Na imagem acima encontramos, na parte superior, a mensagem “just for you ♥”⁷, em letras maiores “I wanted to do laundry, but Amanda drank all the bleach”⁸ e, em baixo “Go to Amanda Todd’s page, post this. Let her know that miss the bleach”⁹. Sem conseguir viver com a perseguição e o ódio constantes, Amanda se enforcou no dia 10 de outubro de 2012.

Apesar do vídeo de sua história ainda estar no Youtube, seus comentários foram bloqueados. Podemos, porém, ter uma ideia dos comentários de ódio através de outro vídeo, postado uma semana antes de Amanda cometer suicídio, na própria página da garota no Youtube. No vídeo¹⁰ a menina faz um cover de uma música.

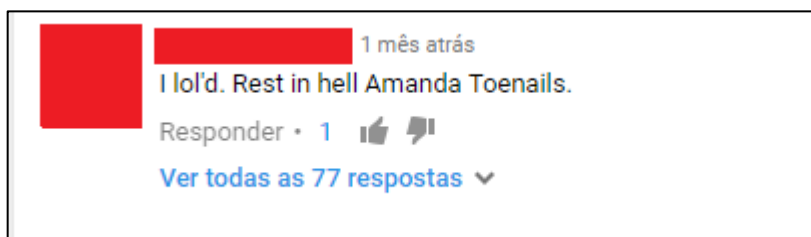
⁷ Apenas para você (Tradução Livre).

⁸ Eu queria lavar roupa, mas Amanda bebeu todo o alvejante (Tradução Livre).

⁹ Vá até a página da Amanda Todd e poste isso. Deixe-a saber, que nós sentimos falta do alvejante (Tradução Livre).

¹⁰ Todd, 2012b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DtEtFeaPoEw&ab_channel=TheSomebodytoknow>. Acesso em: 20 out. 2016.

Figura 5- Comentário no vídeo “Cover of Outside Looking In by Jordan Pruitt”



Fonte: COMENTÁRIO, 2012

O comentário poderia ser traduzido para: “Eu ri muito. Descanse no inferno, Amanda Unha do pé”.

2.3 Entendendo o Ódio

É necessário perceber a gravidade desses exemplos apresentados. Como comenta Rivière (1975, p.16) “o ódio é uma força destrutiva e desintegradora, tendendo para a privação e a morte”. Apesar de todo seu potencial destrutivo, os indivíduos estão, cada vez mais, expondo esse tipo de comentário online, sem nenhum tipo de ressalva.

Como podemos ver no segundo exemplo o ódio transmitido através da rede foi capaz de acabar com a vida de uma adolescente, que se sentia totalmente impotente diante dos comentários que recebia a todo momento.

Diante dessas questões surge um incômodo com esse ódio. Como existem pessoas capazes de continuar perpetuando o ódio, mesmo quando este já chegou a suas últimas consequências? Hoje, quatro anos após a morte de Amanda Todd seus vídeos ainda são atacados com comentários de ódio.

Para compreendermos esse ódio é preciso estudá-lo a fundo e assim pensar o porquê de sua manifestação. Para que isso seja possível é necessário compreendê-lo em suas diferentes possibilidades.

Pensando no ódio como um sentimento, é possível recortá-lo em suas características individuais. Essa abordagem possibilita entender os processos psicológicos envolvidos em sua aquisição e manifestação.

Como comentam Amaral e Coimbra (2015), esse ódio individual é um sentimento presente em todos os seres humanos e por si só não é capaz de apresentar problema. Isso significa que, em alguma medida, todos os sujeitos

vivenciam situações em que o sentimento de ódio é despertado. Esse processo é bastante natural e não deveria resultar em nenhum tipo de complicação.

O problema surge quando o indivíduo, ao ser atravessado por um sentimento de ódio, decide manifestá-lo, no caso, nas redes sociais. Iniciaremos, então, um estudo do ódio em seu caráter individual, visando encontrar os mecanismos psicológicos que levam o sujeito a manifestar esse ódio. Para isso é necessário entender as causas desse sentimento.

Rivière (1975) apresenta uma explicação psicanalítica para as emoções negativas, entre elas, o ódio. A autora comenta que esses sentimentos surgem, muitas vezes, decorrentes de uma “sensação de perda”, gerada por pessoas que se sentem insatisfeitas com suas situações, seja por serem privadas de alguma necessidade básica ou por não poderem gozar de algum prazer que desejam.

A autora explica que essas emoções iniciam-se no ser humano desde o bebê. Inicialmente o bebê não compreende sua dependência com sua mãe e tem uma percepção de que o seio faz parte de si. Com o passar do tempo percebe que, por si só, não é capaz de satisfazer todas as suas necessidades.

Ao descobrir que não pode suprir a todas suas necessidades põe-se a chorar e a gritar. Torna-se agressivo. Automaticamente, explode, por assim dizer, de ódio e ardente desejo de agredir (RIVIÈRE, 1975, p.21).

Diante da privação do leite, necessário para sua sobrevivência, e também do prazer de ser saciado, o bebê sofre. Nesse momento, para ele, todo o mundo é sofrimento e nele, não há mais leite, nem prazer, nem saciedade. (RIVIÈRE, 1975, p.21) Segundo a autora, essas experiências dolorosas têm grandes consequências psicológicas para todos os adultos. Uma dessas consequências seria exatamente, a fúria diante da privação ou da insatisfação de seus desejos.

Lebrun (2008 apud AMARAL; COIMBRA, 2015) comenta que respondemos com ódio às privações impostas pela sociedade. O autor descreve que é a sociedade que impõe normas e padrões, impedindo ações e pensamentos que o sujeito gostaria de realizar. Uma criança, por exemplo, pode ter um desejo de desenhar nas paredes de seu quarto, para enfeitá-lo, mas é privada de sua ação por um responsável, que considera que os desenhos estragarão a parede.

O mesmo processo acontece com adultos nos mais variáveis ambientes. Por vezes as roupas que utilizam não são, necessariamente, as que gostariam de utilizar, mas sim aquelas que são consideradas adequadas ao ambiente que vai frequentar.

Segundo Lebrun (2008 apud AMARAL; COIMBRA, 2015) essas restrições da sociedade são materializadas no Outro. Dessa forma, percebemos todas as nossas privações no contato com o outro e por esse motivo “o encontro com o outro é sempre violento e perturbador”

Lebrun ainda explicita que por esse motivo o ódio se manifesta por meio da linguagem, pois é nela que temos contato com esse outro que restringe. Dessa forma a sociedade, de modo geral, causa certo sentimento de ódio nos sujeitos pelas restrições que impõem diariamente.

Ao pensar em uma sociedade capitalista, na qual os sujeitos são instigados a consumir como forma de prazer, mas, somente uma minoria é capaz de, concretamente, consumir esses produtos, é possível chegar à conclusão que os sujeitos são, diariamente, expostos a várias experiências de privação.

O pensamento gerado por Lebrun (LEBRUN, 2008, p.7 apud AMARAL; COIMBRA, 2015) funde-se ao de Rivière (1975, p.19) que evidencia que “a carência de meios de subsistência em povos ou classes desperta nos mesmos agressividade”, que é apenas uma das possíveis manifestações do ódio.

Compreendemos assim que na sociedade capitalista, que valoriza o ter, existem muitos indivíduos caracterizados exatamente pelo não ter, pela falta, carência. Desenvolve-se então, apenas por esse não ter, desconsiderando todas as outras implicações envolvidas, ódio, que pode ser manifestado das mais diversas maneiras.

Rivière (1975) comenta sobre as possíveis reações diante dos sentimentos negativos. É importante perceber que o objetivo dessas reações é de “lidar e dispor com nossos sentimentos perigosos e destrutivos de forma a obter na vida o máximo de segurança e também prazer” (1975, p.39).

Como comentado acima, os indivíduos que vivem na sociedade capitalista passam, diariamente, por experiências que geram um ódio em seu interior. Rapidamente percebem em si seu potencial destrutivo e anseiam por livrar-se dessa ameaça, a fim de encontrar, diante de todo sentimento de privação, conforto e segurança. É necessário encontrar alguma forma de se desfazer desse sentimento desagradável. Rivière (1975, p.25) apresenta uma possibilidade, a projeção:

Através desse processo, todas as sensações ou sentimentos penosos e desagradáveis existentes na mente são automaticamente banidos para fora de nós; admitimos que se localiza em outra parte que não em nós (RIVIÈRE, 1975, p.25).

Dessa forma, através de um processo de projeção, o sujeito nega seu próprio ódio e o projeta para um alvo determinado, livrando-se, assim, dos sentimentos destrutivos. Esses alvos, segundo a autora, são selecionados cuidadosamente. São, de modo geral, pessoas consideradas “a uma distância razoável de nós”, as quais “não sentimos nenhuma necessidade de amar” (RIVIÈRE, 1975, p.28).

Essa pessoa pode ser selecionada, também, por fazer parte de “alguma raça particularmente odiada” (RIVIÈRE, 1975, p.28), grupos que, caso odiados, não causarão nenhum tipo de constrangimento. Amaral e Coimbra (2015) explicam que esses grupos sofrem de um estigma social que são concretizados por meio dos discursos, gerando o preconceito e a discriminação de determinados grupos.

Seria possível que, pela internet, a seleção desses alvos para receber os sentimentos negativos, se fizesse, de alguma forma, facilitada? A internet permite que pessoas de todos os lugares do mundo se conectem, possibilitando a interação de diferentes grupos sociais que dificilmente teriam algum tipo de relação real, ou seja, pessoalmente, não mediada pela internet.

É, então, possível que na internet os Outros se tornem alvos perfeitos, pois receberão o ódio e não existirá a possibilidade de uma possível consequência negativa na vida real.

Juntamente com esse sentimento de impunidade, Campbell e Manning (2014, p. 710 apud ALVES, 2016, p.11) comentam que nas redes sociais ocorre uma diluição das relações sociais, deteriorando possíveis redes de solidariedade, resultando em uma maior dificuldade do desenvolvimento de empatia por terceiros.

Essa falta de empatia contribui para que as pessoas sejam incapazes de pensar no mal que estão infringindo aos outros e, somado a falta de consequências próprias, pode resultar em uma perda de ressalva ao comentar na internet.

Aos poucos o ódio, mesmo quanto caracteriza um crime (por exemplo, quando aparece na forma de apologia ao crime ou racismo) vai sendo considerado normal. Como comenta Hallal:

Dessa forma, pequenas rupturas na lei, como atirar um papel na rua, atravessar um semáforo vermelho, ofender o diferente, passam a ser atitudes aceitáveis. A tolerância com as transgressões estaria dilatada, enquanto a crítica a elas não seria tolerada. Ingressar na rede de corrupção é fácil. Depois da insensibilização, é apenas uma questão de aumentar o grau, pois, uma vez insensível, o ‘eu também tenho direito’ irá repetir a corrupção, mais ou menos vezes (HALLAL, 2007, p.25).

Mais e mais pessoas são contagiadas por essas infrações diárias, e o problema vai crescendo, até chegar a um ponto como no caso de Amanda Todd, no qual os agentes iniciais dos comentários de ódio foram seus colegas, frequentadores da mesma escola.

Esses adolescentes, possivelmente, ao estarem em um contato direto e contínuo com as redes sociais e, conseqüentemente, ao ódio nelas presente, já não veem problema em seus atos, não se sentindo acanhados em utilizar seus perfis reais para dizer que alguém deve morrer, por exemplo.

Pensando em um ponto de vista social, podemos pensar nos comentários de ódio como uma forma de punição. Jacquet (2015 apud ALVES, 2016) comenta que a humilhação (característica de muitos comentários online) é uma forma de controle social pois tem como intuito ridicularizar um indivíduo por alguma atitude ou comportamento considerado fora do padrão da classe dominante.

Amaral e Coimbra (2015) ao explicar sobre o conceito de violência simbólica de Bourdieu (1989 apud AMARAL; COIMBRA, 2015, p.295) comentam que:

Através da linguagem, os grupos sociais se estruturam e interagem para estabelecer as normas e os padrões comportamentais de uma determinada sociedade (AMARAL; COIMBRA, 2015, p.296).

A classe dominante, através de seu poder simbólico, impõe essas normas e padrões a todos os grupos. Os indivíduos que, por qualquer motivo, apresentam comportamentos distintos dessa norma, vão, como descrito acima, sofrer uma violência, no caso, a humilhação e o ódio pelas redes sociais. Alves (2016, p.31) expõe que, através dos comentários violentos, os indivíduos estão negando a individualidade do sujeito, impossibilitando que esse sujeito desenvolva sua própria personalidade de forma digna.

Deste modo, quando impomos nosso pensamento de distinção para o Outro através da linguagem, não respeitando sua identidade, estamos tornando o sujeito violentado e estigmatizado (AMARAL; COIMBRA, 2015, p.296).

A privação de manifestar seus pensamentos ou de possuir uma identidade ocasiona, como discutido acima, um ódio do sujeito em relação a esse outro. Coimbra e Amaral (2015) explicam ainda que essa visão que o Outro faz do sujeito, se torna concreta exatamente através da linguagem, seja ela online ou off-line. Essa visão tem conseqüências terríveis na vida do sujeito, pois ele passa, além de ser negado em sua própria identidade, a ser identificado por algo que não lhe é próprio.

Segundo Crochík (2010) esse processo não ocorre apenas na relação entre os sujeitos. Em seu artigo é feita uma análise da sociedade e dos sujeitos que nela convivem, utilizando-se de conceitos de Horkheimer e Adorno, além da psicologia freudiana, possibilitando pensar mais a fundo as causas do ódio exacerbado.

O autor percebe que em nossa sociedade a cultura vem, aos poucos, se tornando uma mercadoria a ser consumida, uma pseudocultura. Ao pensarmos nesse conceito, juntamente com a ideia de que a educação é a interiorização da cultura (ADORNO, 1959/2004 apud CROCHÍK, 2010, p.33) nos deparamos com um grande problema.

Esse problema consiste em, se a cultura é um produto a ser consumido, ela é considerada “um fim em si mesma” (CROCHÍK, 2010, p.37), ou seja, a cultura deixa de ser algo construído por toda a sociedade e, portanto, em constante mudança, para se tornar algo estático, que possui, como único objetivo, o consumo.

A formação escolar, por sua vez, não é capaz, com essa cultura, de promover uma interiorização. Isso acontece, pois, no processo de interiorização, se faz necessário que o sujeito impregne na cultura suas próprias ideias, pensamentos e sentimentos. Somente dessa forma o sujeito se apropriaria de uma cultura, a interiorizando, se modificando com ela e, ao mesmo tempo, a modificando. Apenas então o objetivo da formação estaria completo.

Com a cultura petrificada, sem a possibilidade de modificação, fica banida a possibilidade de agregar a ela esses valores pessoais. O resultado é que, no processo de formação atual o indivíduo é negado a interiorização. O resultado é que:

A formação do indivíduo por meio dessa perspectiva cultural – redução da cultura a mercadoria – seria propícia não ao desenvolvimento de uma interioridade, mas à contínua exteriorização ou projeção (Crochík, 2010, p.33).

É possível perceber essas relações na educação tradicional ministrada pelas escolas. Segue-se um livro didático e ensina-se os conteúdos que nele aparecem. O professor não tem autonomia para repensar os conteúdos a serem dados, tampouco os alunos. Cabe a esses últimos apenas receber os conteúdos passados.

O resultado para o indivíduo é extremamente catastrófico. Perde-se, aí, a categoria de ser. O sujeito deixa de existir em seu interior, abre mão de suas ideias, sentimentos, basicamente tudo que lhe é próprio para aceitar e reproduzir uma

cultura produzida por terceiros, distantes. Como explicitado acima, a cultura da classe dominante.

E a cada minuto, a cada produto cultural consumido, o ser vai perdendo mais e mais o que é, se tornando aos poucos, incapaz de pensar fora do que lhe é oferecido. Repete, sem perceber, argumentos nos quais não vê sentido, apenas por repeti-los. “O pensamento é reduzido à matemática, a fórmulas, a estereótipos, mas isso, obviamente, não é percebido” (CROCHÍK, 2010, p.34).

Conforme explicita Crochík (2010), o mundo passa a ser algo completo, um bloco que não pode ser modificado. Os seres, esvaziados não conseguem vislumbrar um mundo diferente, aceitam-no como é. Nesse mundo construído não há espaço para a diferença. Os seres que ainda reconhecem em si algo diferente dos demais não encontram possibilidade de identificação, essa é negada, pois não há com o que se identificar, não existe indivíduos com suas próprias características, existe apenas uma massa de seres iguais.

Crochík (2010, p.35) comenta, então, que nesse momento surgem as novas formas de comunicação, construídas e aprimoradas desde o movimento fascista da Segunda Guerra Mundial. Essas novas formas, como a internet e o celular assumem o papel de se comunicar com as massas, de passar a elas o novo discurso que devem repetir, como sempre, sem questionar.

O autor então comenta que é apenas nesse momento que surge uma identificação, não com um ser real e existente, “mas com a aparência que surge fora do alcance da percepção da realidade” (CROCHÍK, 2010, p.35). Dessa forma a cultura a ser consumida não precisa mais de representantes reais para vender seus ideais, ela pode ser distribuída por sujeitos simulados, inexistentes.

Hoje já é fácil perceber como os sujeitos se apegam a personagens da internet, como, por exemplo, os Youtubers, criadores de vídeos para a plataforma, acreditando na imagem inexistente que interpretam no vídeo, acreditando conhecê-lo por completo apenas através do que demonstram virtualmente.

Com o tempo todos os sujeitos e todas as coisas se tornam a repetição do mesmo e perde-se, nesse processo, a possibilidade de sonhar um mundo diferente. Procura-se, apenas, “aperfeiçoar” o que já existe.

Diante de tudo isso, passa-se, no meio acadêmico, segundo Crochík (2010), a uma valorização da forma sobre o sujeito e também sobre o próprio conteúdo. Isso quer dizer que mais importante do que as impressões do sujeito sobre o objeto, mais

importante que o próprio objeto, é a forma como ele é comunicado aos outros. É, na realidade, um percurso natural para o mundo descrito, pois o sujeito torna-se vazio e a rejeição de sua própria subjetividade reforça essa necessidade, de não ter nada próprio, de se seguir o que é dito.

Procura-se, então, no meio acadêmico, uma forma de perfeição, métodos científicos, clareza nos discursos, ordenação por ordem lógica, tudo isso é valorizado, enquanto as opiniões, sentimentos e dizeres do sujeito são suprimidas, ridicularizadas. A sociedade, injusta e opressora é reproduzida sem se pensar nisso, sem a possibilidade de percebê-la e refleti-la e por isso se torna, cada vez mais injusta e opressora.

Existe, porém, um grande problema. É impossível, mesmo para a massa, não perceber a injustiça presente, como Crochík mesmo coloca, a diferença salarial no Brasil é imensa e já se sabe “que ter dinheiro (...) pode ser a diferença entre a liberdade e a prisão” (CROCHÍK, 2010, p.39).

Diante dessa tremenda contradição o sujeito é obrigado a reprimir suas próprias percepções e aceitar que “o mundo é justo e que só depende dos homens seu destino” (CROCHÍK, 2010, p.39). Mais do que isso, é necessário defender esse mundo apresentado com unhas e dentes, a fim de prová-lo real em todos os meios possíveis. Desenvolve-se um “fanatismo pelo mundo existente” (CROCHÍK, 2010, p.39). Os fanáticos não aceitam críticas ao sistema defendido, irritam-se com facilidade, porque percebem a contradição existente em seu próprio discurso, mas não podem desistir dele.

Projetam, em uma tentativa de negar esses sentimentos, sua própria fragilidade e contradição nos demais, explodem de ódio, ridicularizam todos que pensam diferente. Ignoram todo o tipo de argumento, sem nem mesmo ouvi-lo, refutam-no, sem nem ao menos entendê-lo. O mundo existente é defendido, também, como discutido acima, para evitar a represália dos demais.

Com a perda do sujeito, da possibilidade de identificação e do pensamento crítico, exclui-se a possibilidade de empatia. O ser, sem a moral desenvolvida, humilha, xinga, destrói o que vai contra os seus ideais, o que tenta destruir a imagem do mundo criado, que tenta apontar para a enorme e óbvia contradição existente.

Esse “desafogo de fúria” (CROCHÍK, 2010, p. 41) só é permitido em momentos consentidos por toda a população, como em jogos de futebol, no trânsito

e na internet. Esses momentos são necessários, como já comentado no início do capítulo, pois esses sentimentos são considerados desagradáveis e potencialmente perigosos, necessitando, assim, serem transferidos.

Os sujeitos existentes adaptam-se psiquicamente diante das experiências. Aprendem a ignorar plenamente os diferentes, perdem, pouco a pouco, o que resta de humanidade dentro de si, tornando-se frios e calculistas. O resultado, dependendo do desenvolvimento moral, é catastrófico, pode, inclusive, gerar o “assassino de rua” (CROCHÍK, 2010, p. 32).

Segundo Crochík, esse assassino só se diferencia dos demais seres, atingidos por essa pseudocultura criada, pela incapacidade de controlar seus instintos. Pois todos os seres provenientes desse meio apresentam o mesmo problema que é a identificação negada, resultado de toda essa cultura consumível.

Todas essas questões, dilemas e conflitos, são reproduzidos na internet nos momentos de desafogo de fúria. O ódio, que nasce de toda a situação descrita, é repassado em sua forma bruta nas redes sociais, gerando um ambiente inóspito, de difícil convivência.

O mundo plenamente colonizado tornou-se um ambiente inóspito, deserto: só se procura saber o que de todo mundo já se sabe; as pessoas não têm mais o que conversar, pois todos são ‘bem’ informados e não conseguem ir muito além das informações, o que auxilia a tornar a conversa sobre a política tão superficial quanto a que inicia comentando o clima e termina maldizendo a ‘inevitável’ corrupção humana (CROCHÍK, 2010, p.38).

Entendemos, então, que o ódio é adquirido pelo sujeito em sua vivência em sociedade, devido a pseudocultura a qual está inserida. Como comentado por Rivière (1975) esse ódio, por uma questão psicológica, precisa ser expelido em um local seguro, no caso do estudo, na internet.

Para visualizarmos a consequência de toda essa pseudocultura, além da possibilidade de aprofundarmos o debate acerca desse assunto, farei, no próximo capítulo, uma análise de algumas postagens e debates do grupo da UNICAMP no Facebook.

Esse grupo foi criado no Facebook, por alunos, já há algum tempo, com o objetivo de facilitar a comunicação para questões acadêmicas: dúvidas, dicas e também debates sobre os mais variados assuntos.

Atualmente o Grupo conta também com professores, funcionários e ex-alunos. Ao escolher esse grupo pretendo estar mais próxima de um exemplo palpável, por fazer parte da universidade que estudo, além de poder selecionar uma

faixa mais atual do momento histórico, podendo, com mais facilidade, relacioná-la com o que é comentado na rede social.

3 GRUPO DA UNICAMP

Pretendo nesse capítulo analisar algumas postagens retiradas do grupo “UNICAMP” no Facebook¹¹. Para manter a privacidade dos sujeitos envolvidos, seus nomes e fotos foram omitidos, trocando-os por um retângulo em determinada cor. Dentro de um mesmo tópico essas cores se mantêm, ou seja, o sujeito de cor laranja será, naquele tópico, sempre referenciado com a cor laranja.

Em alguns momentos os sujeitos utilizaram uma ferramenta do Facebook para marcar alguma outra pessoa na discussão. Essa ferramenta permite que, ao escrever o nome desse sujeito, ele seja notificado dessa publicação, ou da resposta, etc. Nesses casos os nomes também foram emitidos, com a cor do sujeito marcado.

É importante também ressaltar que o grupo vem, no último semestre, sofrendo uma grande alteração devido aos comentários de ódio que tem se tornado mais comuns. No início do ano não existia nenhum tipo de moderação, pois os criadores do grupo já eram ex-alunos e não tinham o interesse de continuar lendo, tampouco, fiscalizando o que era ali postado.

Por esse motivo, em junho desse ano, aconteceu a seleção de novos moderadores. A seleção foi feita pelo interesse dos participantes e depois esses foram selecionados pela sua variedade de opinião, a fim de não privilegiar quaisquer pontos de vista.

Esses moderadores têm se encarregado de excluir postagens com o discurso de ódio e SPAM (postagens repetidas em um curto espaço de tempo), além de excluir do grupo os autores de tais postagens. A moderação, apesar de estar sendo eficaz em seu trabalho, vem excluindo muitas postagens que geram comentários de ódio, ou seja, excluindo publicações que por si só não trazem nenhum discurso condenável, mas que por seu caráter “controverso” gera, em sua zona de comentários, esse tipo de reação raivosa.

De modo geral a exclusão dos posts gera, nessa pesquisa, uma dificuldade de coleta de material, o resultado é que, em alguns momentos, seja necessário

¹¹ Facebook é uma rede social na qual os usuários criam uma conta, cadastrando seus dados, como nome, idade e também anexando uma foto. “A missão do Facebook é dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado. Milhões de pessoas usam o Facebook para compartilhar um número ilimitado de fotos, links, vídeos e conhecer mais as pessoas com quem você se relaciona” (SOBRE, 2004).

descrever a postagem e o discurso, sem poder expor o real comentário em suas próprias palavras.

Em alguns momentos são utilizados pelos usuários imagens, chamadas de MEMES. Os memes são qualquer conteúdo que por algumas características (ser engraçado, curto, de rápido entendimento) ganham grande popularidade na internet em um pequeno espaço de tempo.

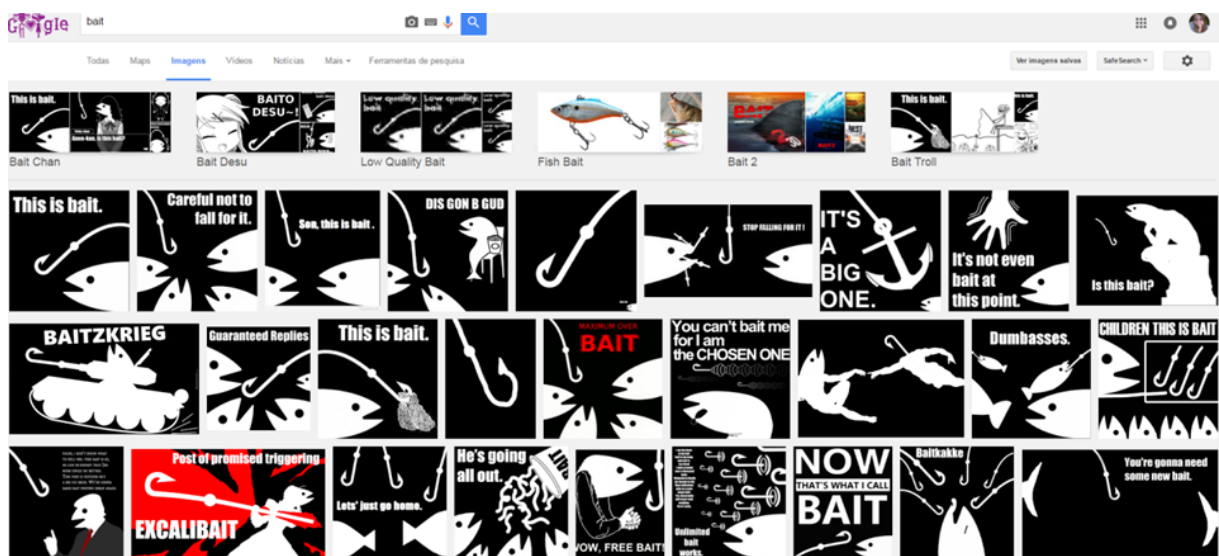
Esses memes não são utilizados apenas no Brasil, por isso, em alguns momentos, as imagens estarão em inglês. Apesar disso, existem alguns casos de memes que foram criados por brasileiros e encontram-se em português. Para facilitar a compreensão e análise das postagens e comentários comuns ao grupo da UNICAMP, estas foram divididas em subgrupos.

3.1 Baits

Bait é a uma palavra de língua inglesa que tem como tradução “isca”. O bait é uma postagem que tem como objetivo causar em seus comentários grande discussão, por esse motivo são, muitas vezes, postagens com conteúdo controverso, que serve de isca para comentários raivosos e discussões acaloradas.

Por serem bastante comuns em todo o mundo, foram criados diversos memes das baits, que podem ser facilmente encontradas através de uma busca no Google Imagens:

Figura 6- Resultado de imagens pelo termo “Bait”



Fonte: GOOGLE, 2016b

Um dos exemplos mais recentes de bait postado no grupo da Unicamp foi a postagem abaixo, do dia 18 de outubro:

Figura 7- Postagem BAIT



Fonte: POSTAGEM, 2016

O autor da postagem agrega ao seu comentário um vídeo do site de notícias G1 falando a respeito da aprovação de verba para o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil). O autor afirma, em sua postagem, que o PT (Partido dos Trabalhadores) e o PCdoB (Partido Comunista do Brasil) teriam sido contra a medida, e votado dessa forma.

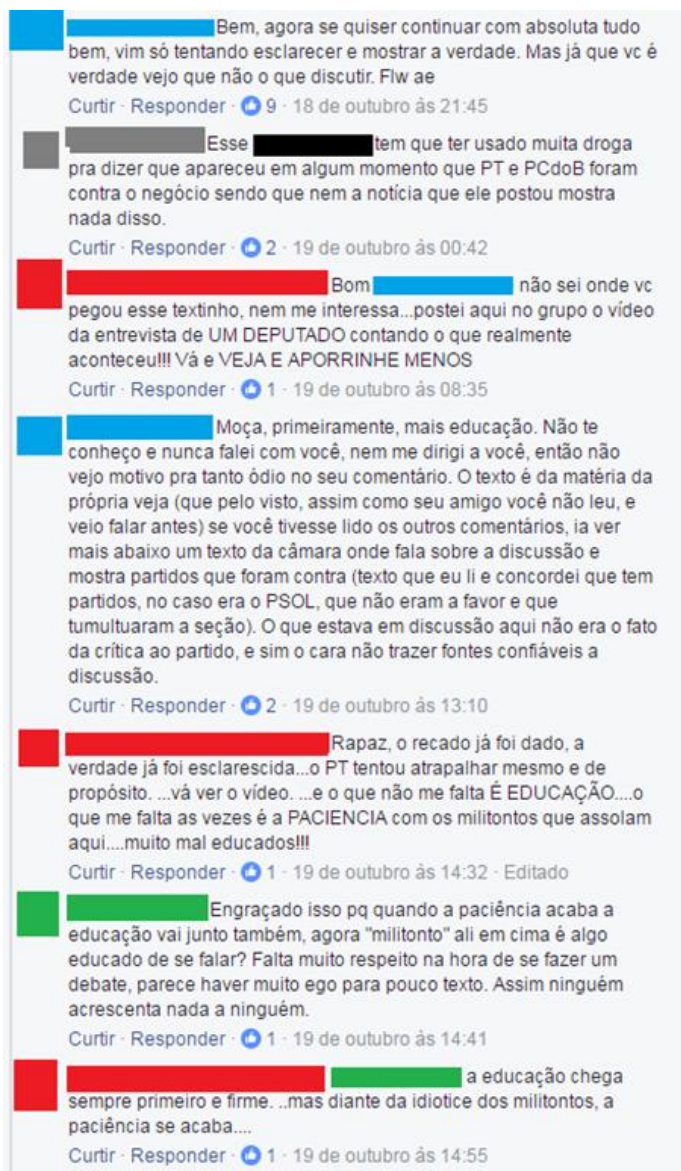
Essa informação, entretanto, não é verdadeira. Os partidos citados não foram contra a medida, aliás, nenhum partido foi. Ela foi aprovada de forma simbólica, nem ao menos ocorreu a contagem de votos. Houve apenas uma discussão de um terceiro partido, o que não impediu a aprovação da medida. O vídeo anexado não apresenta nenhuma informação referente à aprovação, apenas comenta o valor aprovado.

Dessa forma é provável que o autor do post sabia que a informação era falsa, e não tinha nenhum objetivo, diferente do que comenta, de entender a situação. O único objetivo é incitar a revolta do grupo, criando uma oportunidade (socialmente aceita, como comentado no capítulo anterior) de manifestar sua raiva.

O autor também satiriza o fato de ser “manipulado pela mídia” em uma tentativa de ridicularizar esse pensamento, projetando sobre o restante da população essa característica, de manipulado, substituindo a mídia, pelos partidos comentados (PT e Pcdob).

Em vários comentários houve a tentativa de explicitar que a informação não estava correta, mas nesses casos, houve a retaliação de pessoas diversas, que concordaram com a informação do post:

Figura 8- Comentários da postagem BAIT



Fonte: COMENTÁRIOS, 2016b

Podemos perceber nos comentários da Vermelho que o objetivo não era realmente discutir o que havia ocorrido e sim, descarregar um ódio latente, que não podia continuar existindo em seu interior.

Para isso ela se utiliza de termos pejorativos, como “textinho”, “militonto” e “idiotice” (COMENTÁRIOS, 2016b). Ao observarmos o comentário: “não sei onde vc pegou esse textinho, nem me interessa...postei aqui no grupo o vídeo da entrevista de UM DEPUTADO contando o que realmente aconteceu!!! Vá e VEJA E APORRINHE MENOS” (COMENTÁRIOS, 2016b) fica claro que, sem nenhum argumento, o comentário de que o post original estaria com informações incorretas, foi totalmente negado. A autora do comentário não tem interesse em relação à

possibilidade do texto estar errado, ela quer, simplesmente ignorar, negar essa possibilidade.

Ao utilizar letras maiúsculas para escrever “um deputado” também fica claro que a profissão do indivíduo identifica o seu caráter. Dessa forma, se um deputado de um partido amigo afirmou o contrário, não há necessidade de procurar outras informações, não há necessidade de refletir as informações dadas, há, somente, a necessidade de aceitá-las, da forma como elas aparecem.

Os ‘crentes’ não podem ter sua fé posta em questão, e assim a sua irritação é reação natural aos que se contrapõem e fazem críticas a esta sociedade (CROCHÍK, 2010, p.39).

A certeza de Vermelho que as informações contidas no post eram verdadeiras não podem, de forma nenhuma ser negada. Ao Azul se mostrar educado e explicar, mais de uma vez as informações equivocadas, a raiva e ódio de vermelho cresce rapidamente. Nega furiosamente a informação e, por fim, desiste, transferindo sua “má educação” aos outros.

O trecho também nos possibilita analisar um acontecimento bastante comum em todo o Brasil, e também no grupo da UNICAMP acerca do entendimento político. Não é difícil perceber que, atualmente, na internet, todos se propõem a fazer análises políticas de acontecimentos, tanto gerais e sociais, quanto pontuais, como no caso da postagem. Mesmo sem ter certeza do que aconteceu, as pessoas passam a defender a todo o custo o partido de que mais gostam, demonizando os demais.

Isso se torna um problema ao passo que todos se consideram politizados e reproduzem as informações passadas pela mídia, sem a possibilidade de analisar o que é dito. Como comentado no primeiro capítulo, com a ajuda de Crochík (2010), é exatamente esse o interesse das classes dominantes, que as informações sejam simplesmente reproduzidas.

Torna-se necessário, então, ignorar tudo que afirma ao contrário, mais do que isso, ridicularizá-lo, humilhá-lo, odiá-lo. Toda a situação entra em um ciclo vicioso, no qual, quanto mais informações conflitantes são ouvidas, mais confio no que já se acredita e mais se odeia o que diz diferente.

É possível perceber, inclusive, que Azul também não procura checar as informações disponibilizadas por Vermelho, elas são automaticamente negadas, pois suas percepções são “a verdade”. Rivière (1975) demonstra que essa ação é reforçada pela projeção das características negativas:

O que os outros fazem é perigoso, destrutivo e interesseiro ao máximo, ao passo que as intenções e motivações de seu próprio partido são tão puras e justas quanto a imaginação é capaz de torná-las (RIVIÈRE, 1975, p.26).

Cria-se, assim, uma visão totalmente deturbada da realidade, na qual existem partidos e pessoas perfeitas, que dizem apenas a realidade, e, outro partido que só tem interesses próprios e faz de tudo para consegui-los.

Esse pensamento leva à total impossibilidade de discutir, ao passo que, qualquer um que negue o que eu falo está errado. Ao mesmo tempo em que o nível de manipulação passa a ser tão grande que não é preciso nem ao menos saber o que está sendo discutido para saber de qual lado está, basta esperar a orientação de determinado partido e defendê-la sem nenhum argumento.

A discussão política torna-se plenamente vazia, pois, sem nem ao menos saber o que está em questão, resta somente atacar os sujeitos de comentários diferentes, como Vermelho faz em seus comentários. Não se discute, em momento algum, se a verba para o FIES é algo bom ou não, existe apenas a demonização de um partido, usando como desculpa o debate acerca do FIES.

Exatamente por esse motivo, a discussão não tem fim. Ela só termina quando um dos lados, geralmente o menos raivoso, desiste da discussão, percebendo que não há argumento capaz de mudar o opinião do outro.

O objetivo da Bait, assim, foi cumprido. O post possibilitou a dispersão do ódio, que, como já visto no capítulo anterior, não pode permanecer no interior do sujeito, necessitando ser externalizado.

3.2 Descaso com o sofrimento alheio

No grupo “UNICAMP” é comum encontrar estudantes pedindo ajuda para um determinado problema. Seja para problema individual, como ajuda em determinada disciplina, até um problema coletivo, como falta de segurança no campus. Esses indivíduos encontram, mais do que a solução de seus problemas, também o ódio.

Mesmo que em menor quantidade, essas postagens normalmente atraem comentários que minimizam, ou ridicularizam suas demandas, utilizando termos como “mimimi” para caracterizar uma suposta vitimização do indivíduo, ou seja, negar o problema proposto, alegando que a postagem busca apenas a chamar a atenção.

No ano de 2016 a UNICAMP enfrentou uma greve que durou cerca de três meses, motivada pelo corte de verbas da universidade e exigindo, entre outras coisas, uma ampliação e manutenção da moradia estudantil. Durante o período de greve, o grupo da UNICAMP enfrentava quase que diariamente o ataque contra os grevistas. Esses ataques eram, geralmente, ofensas aos indivíduos por suas características físicas e tentavam a todo custo, humilhar os participantes da greve.

Aqueles que discordavam da greve alegavam que a universidade já recebia muito dinheiro do governo e acusavam os alunos de “vagabundos”, pois, segundo eles, esses alunos gostariam de ser sustentados pelo dinheiro público, sem realizar nenhum trabalho.

Analisando os acontecimentos através de Rivière (1975) podemos perceber que os alunos contrários à greve reagiam com ódio diante da impossibilidade de seguir com a vida acadêmica, ou seja, com a privação de um desejo de estudar.

Esses alunos, movidos pelo ódio, eram incapazes de entender e respeitar o momento pelo qual a universidade estava passando, e, ao invés de tentar entender os alunos grevistas, dispersavam seu ódio nos mesmos, pois não conseguiam permanecer com esse sentimento em seu interior, tampouco, processá-lo.

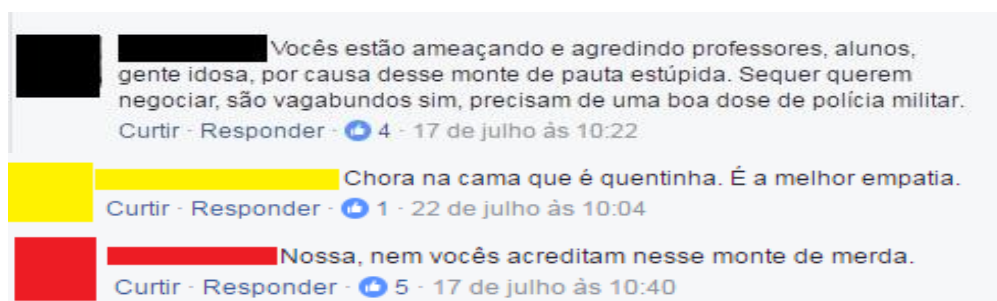
Nesse cenário caótico, em que muitos estudantes (de ambos os “lados”) se agrediram fisicamente, o grupo da UNICAMP, por ser um local socialmente aceitável (CROCHÍK, 2010) e psicologicamente seguro (RIVIÈRE, 1975) para dispersão do ódio, tornou-se o ódio concretizado. Diante desse cenário um pedido ganha destaque, o pedido pela empatia:

“Por favor... Com o coração tomado por angústia, eu peço empatia! Por favor não caiam no senso comum de rotular grevista de vagabundo, buscando privilégios... A verdade é que é mto mais fácil ter aulas do que participar do processo de greve: As pessoas acordam 5 da manhã, dormem em colchões no chão, mtas vezes ficam sem almoçar ou jantar, cancelam viagens, passam semanas sem ver os pais, sem ir pra casa, pra sem o mínimo de conforto, tomando patada de professor, sendo xingado por meio mundo, por pautas que acreditam! Muitas dessas pessoas trabalham... Sim, eu vi, eu conheci. E ao invés de irem pra casa descansar, vão brigar por direitos, que muitas vezes nem são pra elas. À quem as cotas, por exemplo, beneficiam? A maioria do movimento é BRANCA, UNIVERSITÁRIA (JA ESTÁ NA FACULDADE, NÃO É NEGRO)!!! Outra coisa, vc acha que o movimento inteiro depende da moradia? Ja olhou as pesquisas pra ver a renda média dos universitários da unicamp? As pessoas estão sensibilizadas, por algo que acreditam ser muito importante. Nem entremos na questão dos métodos ou das pautas, mas vagabundos não são, Ah mas isso não são meeesmo. Não é nada fácil ou divertido, as pessoas tão sendo ameaçadas, agredidas, E NINGUÉM GANHA 1 REAL pra dar a cara a tapa, ok? Na boa, eu também não acho nada disso divertido... Entrei no curso pelo qual me apaixonei, tava muito empolgado com as aulas, mas to pensando numa coisa maior que isso: Quero mudar as coisas pra alguém...

As pessoas nem sonham em pisar numa universidade pública, mal sabem que o imposto delas é que mantém aquilo de pé. Levamos aulas públicas pras pessoas no centro, arrecadamos agasalhos, comida, dinheiro. Não dá pra se dedicar a isso tendo aula, pelo amor de deus! Piquete? Agressivo, uma merda... Mas cara, estamos em greve há 3 meses! Decidida em assembléia! Os professores não estão respeitando o direito dos alunos de se manifestar, e querem dar aula pra 10 alunos, numa sala de 40 (e as vezes muuito menos, já teve aula pra 1 aluno só)... Dai 30 são prejudicados, perdendo matéria. Os professores tão tentando aplicar provas sobre aulas que não foram dadas... Não interessa se a greve é justa ou não, ela aconteceu!!! Não dá pra passar por cima, dar prova pra 60% da sala, e deixar os outros 40% com zero. E eu não acho nada disso perfeito e ideal, mas não é pra ser... É uma ação de desespero. É cobrança de uma dívida de décadas! É ver amigos desistindo do curso por não conseguirem se manter, casas com pane elétrica, rachaduras e goteiras na moradia... É ver que tem 3 pessoas negras na minha sala, em mais de 35 alunos... É ver que haverá um contingenciamento na iluminação da universidade!!! Imagina as mulheres que sofrem assédio andando pelo campus no escuro!!! Pelo amor de deus, algo está errado!!! Sem esse movimento todo, ninguém percebe, ninguém faz nada... Todo mundo só quer terminar a própria graduação, pós, ir embora e ganhar a própria grana. Esses alunos não estão pensando neles mesmos. Tão se sacrificando e se arriscando por algo maior que eles... E vocês querem jubilados, multa-los, prende-los??? Por favor, se discordam dos métodos, proponham outras soluções... Colaborem, todos são apaixonados por aquela universidade, todos querem vê-la funcionando, suportando cada vez mais alunos e espalhando conhecimento, nisso eu posso apostar! É muito triste ver essa guerra, tanta ódio... Mas eu tenho esperança! Sei que a Unicamp já sobreviveu a outras greves, e em contextos piores! Desejo o bem a todos, independente de que lado você esteja. Bom dia" (POSTAGEM, 2016).

Diante do post houve muitos comentários positivos, apoiando o autor da postagem, dizendo que concordavam, até mesmo propondo debate acerca de outros métodos para a greve. Ainda assim, existiram comentários que respondiam o pedido com mais ódio ou com a minimização da dor do outro:

Figura 9- Comentários da postagem por empatia



Fonte: COMENTÁRIOS, 2016c.

É possível perceber que esses sujeitos são incapazes de se solidarizar com o sofrimento relatado nessa postagem. Ao pensar o sentimento de empatia como uma

capacidade de um sujeito se colocar no lugar do outro, logo fica claro o porquê da dificuldade de alguns em sentir empatia pelos outros.

Para que seja possível entender o que o outro está sentindo, é preciso se projetar no outro indivíduo. Porém, como comentado com a ajuda de Crochík (2010) no primeiro capítulo, a sociedade atual nega a projeção dos sujeitos ao negar sua subjetividade. Se o sujeito é algo fixo, esvaziado de subjetividade, como poderá projetar a si mesmo para as vivências de outro sujeito? Esse movimento estaria totalmente impossibilitado.

Sem a projeção, não é possível entender, pela perspectiva do outro, as ações que o afligem. O que resta é analisar as situações descritas pela perspectiva individual, que, se existe, não é capaz de analisar os desejos do outro. O resultado é que, os desejos individuais continuam sendo superiores aos do outro. Se a perspectiva individual não existe o sujeito é capaz, apenas, de reproduzir aquilo que lhe é apresentado como opinião, no caso, o ódio aos grevistas.

Esse processo ocorre na maioria das postagens que visam pedir algo. Seja pela alegação meritocrática de que todos são capazes de alcançar o que desejam ao se esforçarem, seja através do ódio explícito, ou pela alegação de que o problema não merece ser considerado, o pedido é sempre negado e, muitas vezes, seu autor é ridicularizado.

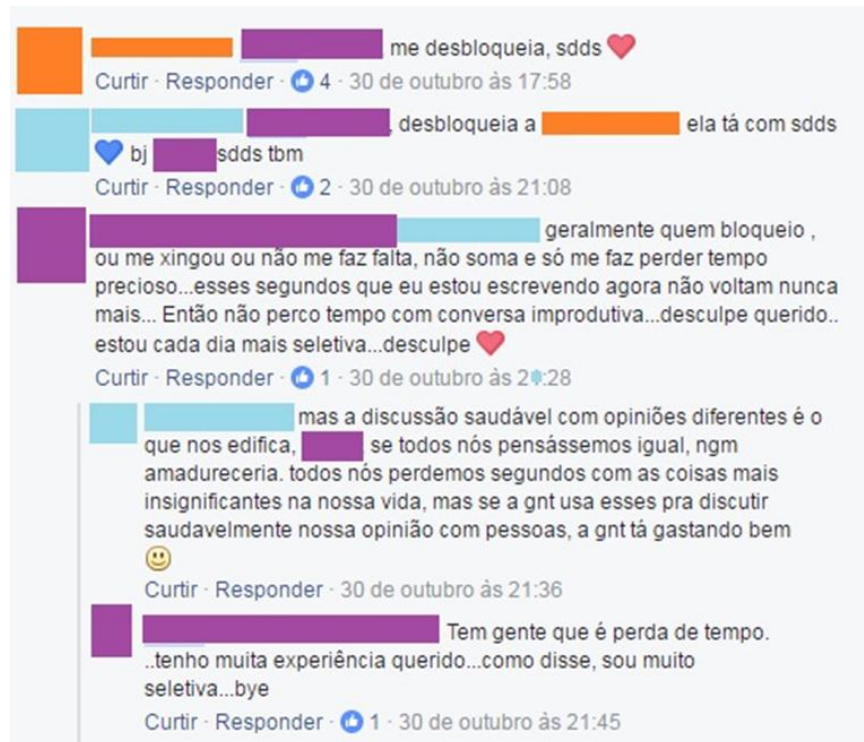
Esse movimento também tem lentamente aparecido em postagens que fazem uma crítica à sociedade. O problema relatado (racismo, homofobia, machismo) é minimizado ou considerado inexistente. O sofrimento acarretado é rejeitado e é reafirmado que todos os sujeitos têm as mesmas chances na sociedade e que dependem somente de seu próprio esforço para alcançar o que desejam.

3.3 Bloqueio do Outro que Discorda

O Facebook permite, em sua plataforma, bloquear qualquer usuário, assim como suas postagens. Quando um usuário é bloqueado ele fica impossibilitado de visualizar postagens e comentários do usuário que o bloqueou. Consequentemente, não podem comentar nessas postagens.

Podemos ver abaixo uma explicação dada por uma das usuárias do por que bloquear outra pessoa:

Figura 10- Comentários de bloqueio



Fonte: COMENTÁRIOS, 2016d

Podemos perceber que Roxo descreve que bloqueia os usuários que não acrescentam em nada, mesmo com a fala de Azul que tenta mostrar como é importante manter uma discussão saudável com os Outros, Roxo mantém sua posição, dizendo que não vale a pena.

Ao pensarmos na sociedade de massas, na qual os indivíduos não têm uma opinião própria, apenas reproduzem uma cultura passada pelas mídias, podemos entender que realmente, não é possível que ninguém que discorde da cultura vigente acrescente algo.

Os sujeitos não são mais capazes de pensar acerca do que é dito, dessa forma, quem discorda, apenas causa dor e sofrimento. O bloqueio, nesse contexto, é um mecanismo psíquico (RIVIÈRE, 1975) de defesa, pois evita o sentimento de ódio ou dor, sentimentos destrutivos. É importante, porém, pensar nos impactos de tal ato. Se aos poucos as pessoas que discordam são bloqueadas, cria-se, no mundo virtual, um mundo esterilizado, no qual só existem pessoas com determinado pensamento.

Dessa forma, é possível se imaginar um cenário crítico. Torna-se impossível que o sujeito das massas saia desse padrão, que perceba a situação real e se

revolte contra ela. Esses sujeitos perdem o contato com qualquer pessoa que possa resgatar sua individualidade. Criam também, a falsa ideia de que todos concordam com sua opinião, que esta é uma verdade absoluta, reforçando, assim, tudo que é passado pela pseudocultura.

3.4 Ataques Contra a Educação

Apesar de aparecerem em menor quantidade, existem no grupo “UNICAMP” postagens referentes à educação. Essas postagens nos ajudam a pensar nas relações existentes entre a pseudocultura e o processo de formação, trazendo reflexões importantes para se pensar, na conclusão, possíveis mudanças no interior da escola para combatê-la.

Fica claro em muitas dessas postagens o caráter político, assim como no caso já citado do FIES, utiliza-se a educação como ignição para o enaltecimento a determinado partido ou posição política e, principalmente, a depreciação de outros partidos e posições.

O exemplo apresentado abaixo é uma postagem de divulgação a respeito de uma Mesa, intitulada “(Anti)Reforma do Ensino Médio” que ocorreria durante a 10ª semana de educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. A mesa seria ministrada pelos professores Andressa Rodrigues e Demerval Saviani, ambos com formação na área da educação.

Figura 11- Divulgação Semana da Educação



Fonte: POSTAGEM, 2016.

Ao observar o número de curtidas e comentários da postagem, fica claro que o grupo "UNICAMP", apesar das discussões políticas, tem pouco interesse em uma discussão real acerca do assunto, no caso, a reforma do ensino médio. Esse fato comprova que o caráter de discussão política do grupo realmente não tem como objetivo chegar à uma conclusão. É apenas um mecanismo para desafogo de raiva em um ambiente considerado aceitável (internet), o que não aconteceria no evento divulgado. Abaixo é possível ver o comentário deixado para a postagem:

Figura 12- Comentário da Postagem de Divulgação



Fonte: COMENTÁRIOS, 2016e

Vermelho, em seu comentário, deixa claro que não tem interesse em comparecer ao evento, ridiculariza-o, dizendo que a visão citada é fruto de uma doutrinação. Em momento algum descreve seu posicionamento em relação ao tema, tampouco apresenta argumentos para defendê-lo. Ignora, também, os participantes da mesa, pois mesmo sendo especialistas na área, ainda assim são desconsiderados por sua suposta “doutrinação”.

Em outra postagem, acerca das ocupações das escolas pelos alunos secundaristas como forma de protesto a reforma do ensino médio e também aos cortes na área da educação, Vermelho coloca, de forma mais clara, suas opiniões sobre o tema:

Figura 13- Comentário do Posicionamento de Vermelho



Fonte: COMENTÁRIOS, 2016d

Na Figura 13 fica claro que Vermelho defende os ideais do “Escola sem Partido” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015), projeto de lei que promove a “neutralidade” escolar, como podemos ver no trecho abaixo:

É fato notório que professores e autores de livros didáticos vêm-se utilizando de suas aulas e de suas obras para tentar obter a adesão dos estudantes a determinadas correntes políticas e ideológicas; e para fazer com que eles adotem padrões de julgamento e de conduta moral – especialmente moral sexual – incompatíveis com os que lhes são ensinados por seus pais ou responsáveis. Diante dessa realidade – conhecida por experiência direta de todos os que passaram pelo sistema de ensino nos últimos 20 ou 30 anos –, entendemos que é necessário e urgente adotar medidas eficazes para prevenir a prática da doutrinação política e ideológica nas escolas, e a usurpação do direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015, p.5).

O projeto de lei não traz pesquisas na área da educação, tampouco estatísticas que comprovem a existência de uma doutrinação no interior das escolas, pois considera este um fato notório. Uma “neutralidade” é defendida, mas não é realmente explicada.

Nogueira e Nogueira (2002, p.18) explicitam a visão de Bourdieu (apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002) acerca da suposta neutralidade da escola. Segundo os autores, Bourdieu considera que a neutralidade escolar foi vendida como forma de garantir uma sociedade meritocrática, ou seja, uma sociedade na qual todos

teriam as mesmas chances de ascender socialmente. Diferente disso, Bourdieu (apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002) coloca que a instituição escolar valoriza e ensina valores presentes no capital cultural, ou seja, na cultura da classe dominante. A neutralidade escolar, assim como a sociedade meritocrática são, então, ideias vendidas pela pseudocultura, mas que não são, de fato, reais.

Dessa forma é impossível alegar que a imparcialidade da escola encontra-se somente nos professores, que manipulam seus alunos com suas opiniões. Como mostra Bourdieu (apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002), a instituição escolar, em sua origem, já não é neutra.

O projeto de Lei, assim como Vermelho, desconsideram esses estudos e afirmam que, ao manifestar uma opinião o sujeito perde sua imparcialidade e, esse fato, no ambiente escolar é considerado condenável. Entende-se, então, que questionar a imparcialidade da instituição escolar, propondo a discussão de seus conteúdos, é condenável.

Vermelho, em seu comentário, chama os alunos secundaristas que ocupam as escolas de “doutrinados pela esquerda” e clama pelo projeto de lei Escola Sem Partido (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015). É possível entender, então, que Vermelho acredita que os alunos, por se manifestarem diante de proposta do Governo, que não concordam, estão sendo manipulados pelos seus professores. Acredita, portanto, que esses professores têm mais poder de influência sobre seus alunos que o restante de sociedade com qual convivem em todo o período fora da escola.

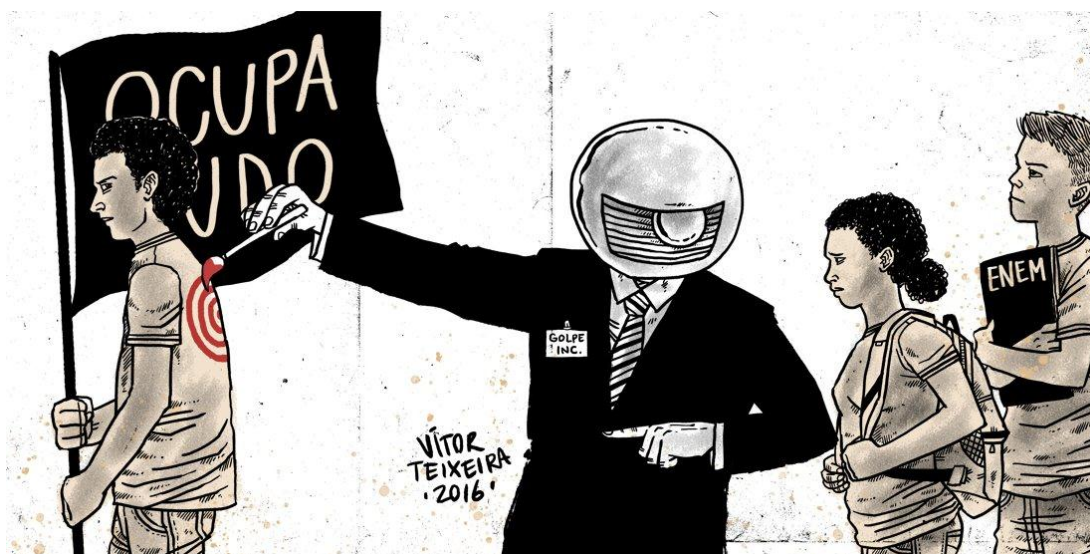
Fica evidente que os alunos são considerados seres passivos no processo de aprendizagem, pois assim recebem, sem questionar, os “doutrinamentos” passados por um professor, defendendo-os acima de tudo, chegando ao extremo de ocuparem escolas, enfrentando, nessa situação, a reprovação da sociedade.

Essa descrição é muito semelhante ao dos “crentes” (CROCHÍK, 2010, p.39). Aparece, aí, um processo de projeção, no qual o ser reconhece sua própria passividade diante das informações passadas e, tenta, então “se livrar da culpa e da consciência de ser medíocre, ou pela projeção da própria mediocridade sobre os demais” (CROCHÍK, 2010, p.39). Vermelho, então, ao se sentir passiva e doutrinada diante da sociedade, transfere essa relação para a do professor x aluno. Ao fazer isso reafirma, também, como os alunos estão errados em se manifestar,

comprovando sua própria visão de mundo, além de cumprir seu papel de defender a visão da pseudocultura.

A charge abaixo, criada por Vitor Teixeira¹² (2016), cartunista que iniciou trabalho pelas redes sociais mostra a percepção do ataque da mídia aos alunos secundaristas:

Figura 14- Charge "Golpe"



Fonte: TEIXEIRA, 2016.

A mídia, de forma geral, tem incentivado a população a atacar os alunos secundaristas, defendendo que estes não sabem os motivos de suas manifestações, afirmando que, ao ocupar as escolas, os estudantes procuram fugir dos estudos, provas, etc. Vermelho, então, ao defender, mesmo sem argumentos, esse ideal, cumpre seu papel no interior da pseudocultura.

O ataque da sociedade de massas a esses estudantes se faz claro. Diante da criação de uma individualidade, esses jovens não podem mais aceitar estar integrados a uma cultura/ sociedade fechada a suas opiniões e percepções. Exigem, em suas manifestações, espaço para serem quem são, sem serem repreendidos. A pseudocultura sente o potencial destrutivo desses jovens devido a seu poder de identificação e, por esse motivo, os atacam, tentando desmerecer e ridicularizar sua subjetividade.

Ao mesmo tempo, teme-se o poder da escola de criar em seus alunos essa individualidade. Teme-se, também, o jovem como força para escancorar os

¹² Mais informações em: www.brasildefato.com.br/2016/05/05/vitor-teixeira-meu-trabalho-nao-e-resposta-de-nada-e-pergunta. (Acesso: 22 nov. 2016)

problemas de nossa atualidade. Safatle (2012) ao discutir os movimentos populares de 2011 coloca a importância dos jovens nas manifestações em todo o mundo, não somente pelos seus atos, mas principalmente por seu discurso, que, segundo o autor, vem para quebrar as ideias pré-concebidas e trazer a importância do pensar criticamente para chegar as respostas.

Trata-se de dizer que, após décadas de repetição compulsiva de esquemas liberais de análise socioeconômica, não sabemos mais pensar e usar a radicalidade do pensamento para questionar pressupostos, reconstruir problemas, recolocar hipóteses na mesa [...] Isso é o que alguns realmente temem: que vocês aprendam a força da crítica (SAFATLE, 2012, p. 50).

Esse medo da perda do controle e da rebelião dos jovens faz com que gerem-se mecanismos na pseudocultura para uma ainda maior massificação, voltada para os jovens. Nesse sentido Khel (2007, p.47) comenta a criação de um estereótipo jovem com qual todos podem se identificar, independentemente de suas vivências. Cria-se, então, produtos voltados a esse jovem estereotipado, visto como consumidor em potencial.

Khel (2007, p.52) analisa que esse consumo sem controle, totalmente tomado pela pseudocultura leva o jovem a buscar algo real no mundo, algo que esteja em sintonia com suas vivências de um mundo injusto. O jovem encontra, então, segundo a autora, a marginalização, a cultura da periferia, daquele que não consome e tenta, muitas vezes, ainda, através do consumo, se inserir nesse espaço.

A escola, por possibilitar que esse jovem encontre uma identificação real, não mediada pelo consumo se torna uma ameaça cada vez mais real. Criam-se, então, projetos como o “Escola sem Partido” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015) que, através do discurso da “neutralidade” pretendem retirar do meio toda a subjetividade e individualidade, obrigando que todas as escolas transformem-se em blocos imutáveis, com um único objetivo de ser consumida na forma de conteúdo.

Nesse sentido os jovens não teriam mais a possibilidade de desenvolver seu senso crítico, de somar as suas percepções de um mundo injusto a uma real possibilidade de alterá-lo. Faz-se necessário que a escola não ceda a essas iniciativas, que se imponha e permita que seja um lugar significativo para seus alunos. Elencarei, de forma breve, na conclusão desse trabalho, parâmetros gerais para a escola se repensar a fim de resolver os problemas aqui colocados.

4 POST SCRIPTUM

Durante a realização desse trabalho, foi lançado, no dia 18 de Outubro de 2016, um videoclipe da banda “Moby & The Void Pacific Choir” para a música “Are You Lost In The World Like Me?”¹³. O clipe representa, na visão do artista, nossa sociedade atual, fazendo uma grande crítica a esse mundo mediado pela tecnologia.

Acredito que esse vídeo conversa muito com o tema escolhido, pois mostra o perigo e as consequências de uma sociedade levada totalmente pela cultura de massas, que segue fazendo o que deve fazer, sem pensar, sem refletir, sem nem ao menos perceber o que está à sua volta.

Esse vídeo também foi alvo de ódio e retaliação na área de comentários, o que é uma possível indicação que escancara a realidade que todos estão tentando ignorar. Isso, somado ao fato de ser um produto atual da sociedade em que vivemos torna imprescindível sua análise.

***Are You Lost In The World Like Me?* Você está perdido no mundo como eu?**¹⁴

<i>Are you lost in the world like me?</i>	Você está perdido no mundo como eu?
<i>If the systems have failed?</i>	Se os sistemas falharam?
<i>Are you free?</i>	Você está livre?
<i>All the things, all the loss</i>	Todas as coisas, toda a perda
<i>Can you see?</i>	Você consegue ver?
<i>Are you lost in the world like me?</i>	Você está perdido no mundo como eu?
<i>Like me?</i>	como eu?
<i>Look harder, say it's done</i>	Olhe com mais atenção, diga que está pronto
<i>Black days and a dying sun</i>	Dias obscuros e um sol morrendo
<i>Dream a dream of god lit air</i>	Sonhe um sonho de Deus clareando o ar
<i>Just for a minute you'll find me there</i>	Só por um minuto e você vai me encontrar lá
<i>Look harder and you'll find</i>	Olhe com mais atenção e você vai encontrar
<i>The 40 ways it leaves us blind</i>	As 40 maneiras que nos deixam cegos
<i>I need a better place</i>	Eu preciso de um lugar melhor
<i>To burn beside the lights</i>	Para queimar ao lado das luzes

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VASywEuqFd8&ab_channel=Moby (Acesso 22 out. 2016)

¹⁴ Tradução Livre

Come on and let me try Venha e deixe-me tentar

Are you lost in the world like me? Você está perdido no mundo como eu?

If the systems have failed? Se os sistemas falharam?

Are you free? Você está livre?

All the things, all the loss Todas as coisas, toda a perda

Can you see? Você consegue ver?

Are you lost in the world like me? Você está perdido no mundo como eu?

Like me? como eu?

Burn a courtyard, say it's done Queime um pátio, diga que está feito

Throwing knives at a dying sun Jogando facas no sol moribundo

A source of love in the god lit air Uma fonte de amor no ar iluminado de Deus

Just for a minute, you'll find me there Só por um minuto, você vai me encontrar lá

Look harder and you'll find Olhe com mais atenção e você vai encontrar

The 40 ways it leaves us blind As 40 maneiras que nos deixam cegos

I need a better way Eu preciso de uma maneira melhor

To burn beside the lights Para queimar ao lado das luzes

(MOBY... 2016)

A letra, por si só, já nos traz um vislumbre do vídeo, que em menos de duas semanas na plataforma Youtube já alcançou mais de dois milhões de visualizações. Acredito que seja impossível analisar a letra e o vídeo de forma objetiva e por isso me coloco a fazê-la como “Eu”, como indivíduo, possuidor de uma subjetividade, que aparecerá, inevitavelmente, nas palavras que escrevo.

Logo na primeira estrofe da música podemos perceber que o personagem se sente perdido em meio a um mundo que não reconhece, ansiando em encontrar alguém com as mesmas percepções, alguém com quem se identificar. Também é perceptível sua indignação diante da ignorância das massas: “Como eles não conseguem ver o que estou vendo? Todas as coisas erradas, todas as perdas”.

No clipe podemos ver, ao centro, o personagem principal procurando com os olhos entre a multidão, procurando por alguém que não esteja mediado pelo celular, alguém que esteja no mundo real, junto com ele.

Acredito que o refrão traga uma das falas mais interessantes da música “Se os sistemas falharem, você está livre?”. Essa pergunta elucida uma ideia de que a todo o momento somos controlados por um sistema, mas que atualmente, mais do

que a dominação de um objeto específico, escolhemos, diariamente, sermos controlados pela tecnologia, no caso, o celular.

Logo em seguida, aparece na tela a mensagem “Esses sistemas estão falhando”, que é, também, o nome do álbum da música. Então apresenta de novo a imagem das massas:

Figura 15- Sociedade de Massas (CLIFE)



Fonte: MOBY, 2016.

Acredito que os conceitos de Crochík, enunciados no primeiro capítulo desse trabalho, não poderiam estar mais exemplificados do que nessa imagem. Como o próprio autor comenta, não é mais necessário existir um homem de carne e osso para ordenar as massas, os avanços na área de comunicação já foram capazes de controlá-las, dizendo o que devem fazer e pensar a cada instante.

A letra continua, insistindo para que a população enxergue o óbvio, aquilo que está logo a sua frente, escancarado em todos os lugares. O personagem diz, em minha opinião, que foi iluminado por Deus e garante que é necessário apenas um segundo para perceber tudo de errado que há a sua volta, assim como tudo que nos impede de ver a realidade.

O vídeo então, começa a caracterizar a massa, com várias situações, todas mediadas pela tecnologia:

Figura 16- Passividade (CLIFE)



Fonte: MOBY, 2016.

Na figura 12 vemos uma pessoa sendo agredida pela polícia, todos filmam e observam apenas pela imagem sendo gravada o que acontece, como se não estivessem presentes, como se fosse apenas um acontecimento virtual, fictício. Essa percepção impede que qualquer um dos presentes tenha algum tipo de iniciativa, reflita sobre o que está acontecendo, tampouco, ter alguma atitude diante do absurdo.

Figura 17- Ignorando a realidade (CLIFE)



Fonte: MOBY, 2016.

Na figura 13 acima podemos ver uma cidade em chamas, uma vítima tentando se salvar pulando do prédio, os caminhões de bombeiros se olham preocupados, sem saber o que fazer. Toda essa cena catastrófica se contrasta com a imagem da mulher tirando uma foto de si mesma, ignorando tudo ao redor.

Podemos ver, também, os letreiros da cidade. Vemos, mais à esquerda “Buy Now”¹⁵. No prédio em chamas: “Buy Stuff”¹⁶ e na extrema direita: “Drink More!”¹⁷. Mensagens que refletem o que, nessa sociedade, é mais importante, o consumo desenfreado, o consumo que nos torna incapaz de pensar.

Nesse momento, no metrô, incapaz de saber para onde a massa está indo, o personagem principal tropeça sobre uma pessoa, tirando sua atenção do celular. Imediatamente se transforma em outra coisa:

Figura 18- Monstro de Ódio (CLIQUE)



Fonte: MOBY, 2016.

Um monstro repleto de ódio. Como explicitado no primeiro capítulo, ignorar o óbvio gera no sujeito raiva e ressentimento que será estrotejado de si na primeira oportunidade socialmente aceitável, nesse caso refletida contra quem percebe a situação do mundo, o personagem principal.

¹⁵ Compre já (Tradução Livre)

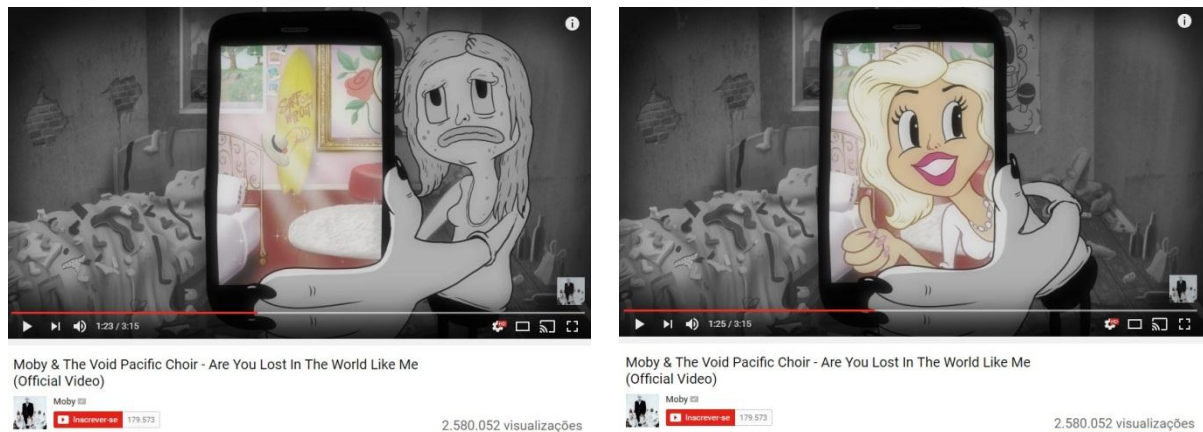
¹⁶ Compre coisas (Tradução Livre)

¹⁷ Beba Mais! (Tradução Livre)

Essa coisa que surge no lugar do homem, é, em minha opinião, uma representação do homem sem sua humanidade, sem sua característica social, de indivíduo. Possível consequência da transferência da interação real para a virtual.

Somos então apresentados a uma sequência de imagens que demonstram perfeitamente como é o mundo virtual, irreal, que todos parecem acreditar ao ignorar a realidade:

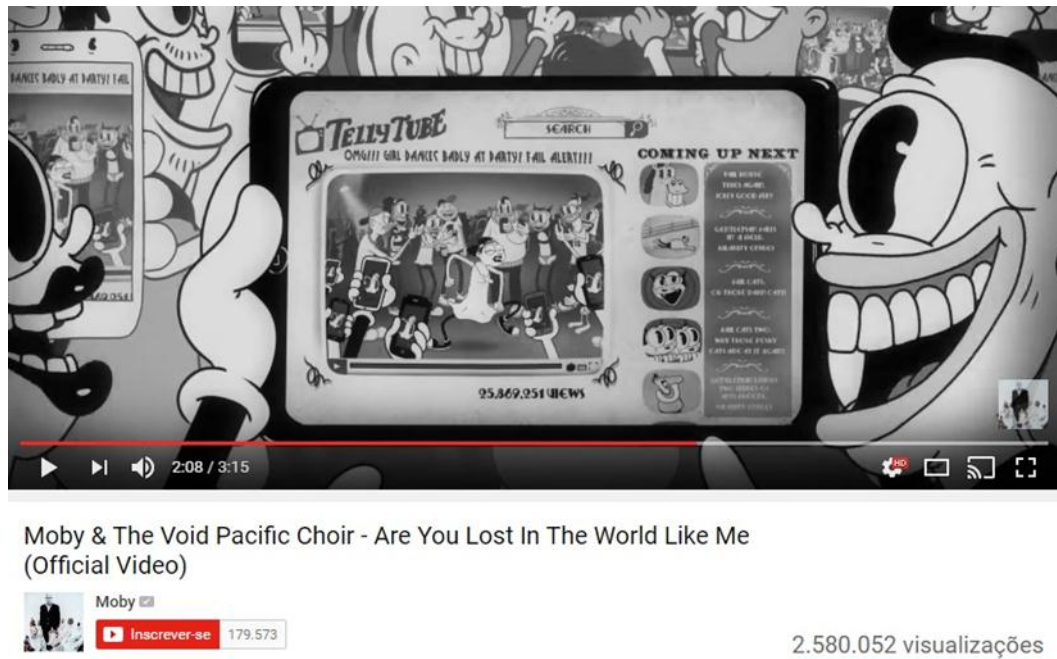
Figura 19- Mundo virtual (CLIQUE)



Fonte: MOBY, 2016.

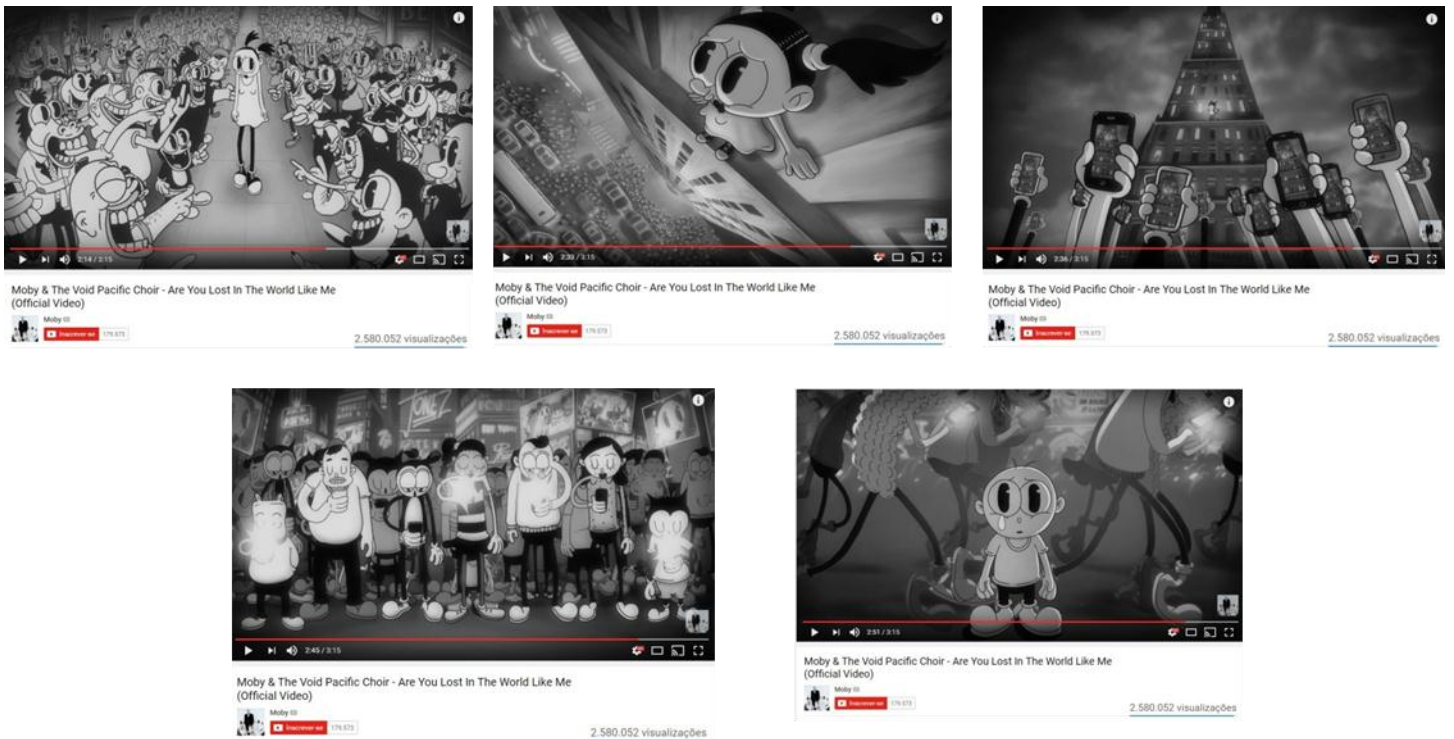
A música então apresenta a frase “Jogando facas no sol moribundo”, o homem deixa de ser apenas passivo a situação deplorável em que a situação se encontra, ele passa a ser também causador da obscuridade, atacando a luz que ainda existe. Podemos ver uma representação disso, totalmente ligada ao ódio das redes sociais na sequência de imagens abaixo:

Figura 20¹⁸- Humilhação do outro (CLIQUE)



Fonte: MOBY, 2016.

Figura 21- Consequências do ódio (CLIQUE)



Fonte: MOBY, 2016.

¹⁸ Imagem faz sátiira ao site Youtube através do nome “TellyTube”, o vídeo sendo assistido tem o nome: “OMG!!! Girl dances at party! Fail Alert!!!!” que pode ser traduzido para: Meu Deus!!! Garota dança em festa! Alerta de Fracasso!

Podemos perceber na sequência de imagens um caso muito semelhante ao de Amanda Todd, apresentado no primeiro capítulo desse trabalho. A menina tem conteúdo particular postado na internet sem sua autorização. Vira, então, alvo do desafoço da raiva de toda a população que a humilha pessoalmente até que ela não aguenta mais a pressão e se suicida pulando de um prédio.

Todos filmam a cena, tiram foto dela morta no chão. Não sentem pela perda, tampouco reconhecem sua culpa diante da situação que se sucedeu. As telas atrás continuam passando o vídeo particular, mesmo quando a menina já está morta.

O único que vê o absurdo naquilo é o personagem principal, que chora diante da perda, diante do reconhecimento que aquela morte foi culpa de uma sociedade que impossibilita qualquer tipo de sentimento. A cena final, também bastante simbólica, pode ser vista abaixo:

A civilização é mostrada andando contra a luz, contra um sol que já está se pondo, já está indo embora. Todos estão indo em direção à morte, ao fim. É interessante perceber que é uma das únicas imagens que aparece em cores no clipe. Traz a sensação que o mundo em si, o planeta Terra, desconsiderando as obras produzidas pelo homem, continua sendo um lugar com uma beleza em potencial.

Figura 22- Fim (CLIPLE)



Fonte: MOBY, 2016.

Apesar dessa esperança o homem não tem a possibilidade de sonhar com um mundo diferente, um mundo onde todas as mazelas da civilização não se voltam para cima da própria sociedade.

É preciso mudar esse cenário, é preciso repensar tudo que ocorre e começar a traçar maneiras de lidar com a situação caótica que vivemos, representada nas redes sociais através do ódio.

Não adianta simplesmente propor um controle maior sobre a internet, punindo aqueles que fazem comentários de ódio, é necessário resolver a raiz do problema, no caso, a cultura consumível, imutável. Apenas quando isso acontecer poderemos ver uma internet livre, na qual podemos ser quem somos, sem medo de represaria ou ódio. Para que isso aconteça é necessário possibilitar aos sujeitos que sejam indivíduos. É preciso que lhe seja permitido ter seus próprios pensamentos, ideias e sonhos.

5 CONCLUSÃO

Quando iniciei essa pesquisa, não imaginava que o ódio na internet tinha suas raízes tão afincadas em nossa sociedade. Como foi possível perceber com as postagens do segundo capítulo, o mundo descrito por Crochík (2010) já é uma realidade que precisa, urgentemente, ser revertida.

Para que os comentários de ódio na internet cessem é preciso, mais do que simplesmente impedir que ela seja um local aceitável para o desafojo do ódio, que esse ódio excedente, ocasionado pela sociedade de massas, cesse.

Para que isso aconteça é necessário possibilitar aos sujeitos que sejam indivíduos. É preciso que lhe seja permitido ter seus próprios pensamentos, ideias e sonhos. A escola, como local de formação, por reforçar a imparcialidade do discurso, tira a possibilidade dos jovens de serem subjetivos, de terem algo que lhe é próprio.

É necessário que a escola seja um local no qual, mais importante que o conteúdo, seja o sujeito. A forma como ele se manifesta, como se coloca, isso, nesse momento, se faz vital.

Como comenta Adorno (1995) em seu artigo “Educação Após Auschwitz”, diante de uma catástrofe tão gigantesca na história, no caso, o nazismo e o extermínio nos campos de concentração, nada se faz mais importante do que evitar que ela se repita. É assustador pensar que, mesmo após tantos anos o texto ainda se faz atual e necessário, é assustador pensar que a sociedade, como um todo, está, ao invés de combater, escondendo suas próprias manifestações de ódio.

Fica claro que em nossa sociedade ainda estão sendo produzidos sujeitos capazes de reproduzir ações que atentem contra si mesmos. Assim como comenta Adorno (1995) sobre a Segunda Guerra, hoje vemos, novamente, sujeitos atentando contra seus iguais e contra seus “interesses imediatos”.

No segundo capítulo podemos ver comentários de ódio de alunos da UNICAMP contra alunos da mesma instituição que estavam, por meio de sua luta, buscando uma faculdade mais justa, que beneficiaria a todos, inclusive a esses que negam a luta e seus atores.

Essas pessoas reproduzem um discurso que vai contra suas próprias vivências cotidianas na universidade. Um dos comentários, inclusive, foi feito por um estudante que se utiliza da Moradia Estudantil e, portanto, vivencia diariamente a

precariedade em que se encontra, e, mesmo assim, vai contra seus iguais, contra uma luta que também o beneficiaria.

O mesmo acontece no interior das escolas regulares, nas quais grupos de alunos, cansados do descaso com a educação pública, falta de estrutura, falta de merenda decidem ocupar a escola como forma de protesto. Esses alunos encontram entre colegas, professores e na equipe gestora, sujeitos que são contra sua revolta, que a negam, apesar de viverem, diariamente, essa realidade.

Adorno (1995, p.8) deixa claro que são exatamente para essas pessoas que a educação deveria se voltar:

Mas que haja pessoas que, em posições subalternas, enquanto serviçais, façam coisas que perpetuam sua própria servidão, tornando-as indignas; que continue a haver Bojeis e Kaduks, contra isto é possível empreender algo mediante a educação e o esclarecimento (ADORNO, 1995, p.8).

É preciso compreender o processo pelo qual passam esses sujeitos, de se colocar contra seus próprios interesses, de servir, somente, para defender um outro que reprime. Apenas assim é possível pensar as necessidades desse sujeito.

Nesse sentido Lopes (1987), ao comentar o processo de apropriação de uma identidade, no caso da população negra do Brasil, comenta a dificuldade do processo:

Quando Joel Rufino afirma: 'vamos tacar fogo no livro', 'vamos tacar fogo na escola', compreendo como um processo de revirar tudo, de construir alguma coisa nova, que seja nossa. Esse é um processo que tem que se dar também com cada um de nós. Em que aspecto temos que nos tacar fogo? É doloroso, queima, dói, sangra, mas precisamos enfrentar e tirar aquilo que é contra nós (LOPES, 1987, p.39).

Entendemos então que a dificuldade deste processo está em abrir mão do que o sujeito acha que faz parte de si, mas que, na verdade, faz parte de uma pseudocultura. Esses aspectos, estranhos às próprias vivências são extremamente prejudiciais, pois impossibilitam ao sujeito a reflexão e ao pensamento crítico. Como comenta Khel (2007) o jovem de nossa modernidade volta-se contra a imagem do adolescente "hedonista, belo, livre, sensual" (KHEL, 2007, p.47) vendida pela mídia e procura encontrar em nossa sociedade algo real com o qual possa se identificar.

Esse movimento de queima e procura apesar de doloroso se faz extremamente necessário, pois só após a queima da pseudocultura é que a individualidade pode surgir. Para que os sujeitos sejam capazes de passar por esse processo, é necessário haver um apoio, haver um Outro que já conseguiu, com

êxito, enfrentar todas essas dificuldades, um Outro com quem o sujeito possa se identificar e assim tornar-se, também, indivíduo.

Obviamente não imitando o Outro, não se apropriando de sua individualidade, mas o usando de apoio para entender que existe algo diferente, algo próprio, algo condizente com a realidade e com as vivências. Essa relação com um outro significativo poderia ocorrer na relação professor x aluno. Essa relação, por normalmente ser a primeira fora do núcleo familiar, apresenta à criança novas possibilidades. Ao professor demonstrar uma atitude crítica diante do mundo pode incentivar seus alunos a terem os mesmos comportamentos.

Essa seria uma quebra importante do que acontece atualmente. As crianças, ainda muito novas, são inseridas em um contexto extremamente regrado, como o da creche, por exemplo. Esse ambiente exige que elas aceitem as imposições do mundo a sua volta, sem a chance de questionar. Devem comer, brincar, ir ao banheiro, beber água, conversar, prestar atenção, somente em momentos pré-determinados por terceiros.

Nessas relações não existe a possibilidade de um debate. As crianças que, por exemplo, resolvem brincar na hora que não devem, ou se negam a comer, sofrem as consequências, geralmente negativas, de suas atitudes. Os professores, muitas vezes, consideram as atitudes como inadequadas, julgando que são decorrentes de uma falta de conhecimento, ou aceitação das regras. Por esse motivo acabam por punir essas crianças das mais variadas formas.

A negação da criança a esses momentos estipulados, diferente disso, pode ser vista como uma forma de revolta a decisões que não compreende o sentido e/ou que não a satisfazem. É preciso dar, não apenas a esses alunos, mas a todos, uma possibilidade de ter suas queixas e sugestões ouvidas e, na medida do possível, realizadas.

Não é o caso de aceitar todas as sugestões das crianças, mas sim, possibilitar um diálogo, incentivando assim o debate, a escuta de diferentes opiniões e, como resultado, uma aceitação do pensar diferente.

Como comenta Silva (2007, p.10) é comum encontrarmos escolas que realizam seu planejamento pensando na vivência de seus alunos. O problema é que essas escolas não pressupõe uma “relação educativa” (SILVA, 2007, p.10), ou seja, esse diálogo entre professor X aluno, escola X aluno. Apenas com esse dialogo

poderia existir uma real cultura escolar, criada por todos e não permeada pela pseudocultura.

O movimento secundarista das escolas públicas brasileiro traz, nesse momento, esperança. Esperança de que a escola, por mais precária que a tenham feito, está sendo capaz, em alguma medida, de promover uma individualidade, capaz de pensar e debater.

Nesse processo, é impossível negar o potencial positivo da internet, pois, ao conectar jovens de todo o Brasil, abre-se a possibilidade de uma identificação virtual real com aqueles que se sentem diferentes; com aqueles que sentem que tem algo errado no que está sendo passado. Com identificação virtual real, quero dizer que ocorre, pelo meio *virtual*, uma identificação com características *reais*: individuais, geradas no interior do indivíduo e não reproduzidas do meio externo.

A internet possibilita também que esses indivíduos, que lutam contra as massas, criem conteúdo, propaguem suas ideias, se tornem ídolos, não exatamente pelo que são, mas pelo que representam: a possibilidade de ser diferente e de sonhar um mundo distinto do que existe.

As ocupações das escolas têm trazido grande repercussão e muito ódio de toda a sociedade, como pudemos ver no segundo capítulo. Os jovens são tachados, assim como os grevistas, de “vagabundos”, “manipulados”, o que confirma que estão indo contra todas as ideias que são reproduzidas sem pensar.

Criam-se, cada vez mais, tentativas de barrar o impacto que a educação pode ter sobre seus alunos. Seja através da precarização, ou através de projetos como a “Escola sem Partido” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015), que visa, na realidade, obrigar os professores a fazer parte das massas, obrigá-los a não ter uma subjetividade com o pretexto de “não deixar que exista uma manipulação dos jovens”.

O mecanismo de projeção fica evidente na proposta. A sociedade de massas sabe que manipula todos os sujeitos para reproduzir o que dizem, sem compreender. Teme, assim, que essa manipulação seja feita do outro lado, para que reproduzam outro discurso.

Ignoram, dessa forma, que o que é pretendido, não é que os jovens reproduzam um discurso pronto e sim que esses jovens sejam capazes de desenvolver sua própria individualidade para que, assim, sejam capazes de pensar, discutir, e por si só, entender o que devem pensar. Com a possibilidade da diferença

e da individualidade, os alunos passam a lutar por uma sociedade que também possam modificar, uma sociedade que os acolham e os deixem ser quem realmente são.

Com a mudança da sociedade não haveria mais a necessidade de acreditar em algo que não existe e, por consequência, não existiria uma revolta tão exacerbada e raivosa diante da realidade do mundo. A realidade seria entendida com seus defeitos e, a partir disso, seriam pensadas mudanças concretas para satisfazer a população.

O resultado final seria uma internet com menos ódio e mais compreensão, na qual o debate é possível e é feito para realmente mudar algo e não somente como uma possibilidade de desaforo do ódio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **Educação após Auschwitz**. In: *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p.119-138.

ALVES, Renato Paredes. **HOSTILIDADES NAS REDES SOCIAIS: ANÁLISE DAS DINÂMICAS DE LINCHAMENTO VIRTUAL A PARTIR DE DOIS CASOS DE FEVEREIRO DE 2016**. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/147533>>. Acesso em: 22 out. 2016.

AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele. Expressões de Ódio nos Sites de Redes Sociais: O Universo dos Haters no caso #EUNÃOMEREÇOSERESTUPRADA. **Contemporanea: Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 13, n. 1, p.294-310, maio/agosto 2015. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/14010/9879>>. Acesso em: 25 set. 2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei nº 867, de 2015. Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o "Programa Escola sem Partido". **Projeto de Lei N.º 867, de 2015 (do Sr. Izalci)**. Brasil, Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

COMENTÁRIO, **[Comentário do Youtube]**. Postados em: <www.youtube.com/watch?v=DtEtFeaPoEw&ab_channel=TheSomebodytoknow>. Em: 2012. Acesso 20 out. 2016.

COMENTÁRIOS, **[Comentário do Youtube]**. Postados em: <www.youtube.com/watch?v=HOTwMh1WM4&ab_channel=maspoxavida>. Em: 2016a. Acesso 20 out. 2016

COMENTÁRIOS, **[Comentário no grupo da UNICAMP no Facebook]**. Postados em: <www.facebook.com/groups/GrupoUnicamp/permalink/10154468505170446>. Em: 2016b. Acesso 22 out. 2016

COMENTÁRIOS, **[Comentário no grupo da UNICAMP no Facebook]**. Postados em: <www.facebook.com/groups/GrupoUnicamp/permalink/10154196617570446>. Em: 2016c. Acesso 22 out. 2016

COMENTÁRIOS, **[Comentário no grupo da UNICAMP no Facebook]**. Postados em: <www.facebook.com/groups/GrupoUnicamp/permalink/10154504080530446>. Em: 2016d. Acesso 22 out. 2016

COMENTÁRIOS, **[Comentário no grupo da UNICAMP no Facebook]**. Postados em: <www.facebook.com/groups/GrupoUnicamp/permalink/10154495642725446>. Em: 2016e. Acesso 22 nov. 2016

CROCHÍK, José Leon. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 1, p.31-46, jan./mar. 2010. Trimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v21n1/v21n1a03.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

FACEBOOK (AMANDA TODD), **[Postagem para o site funnyjunk]**, 2012. Disponível em: <www.funnyjunk.com/funny_pictures/4177079/Facebook+amanda+todd>. Acesso em: 20 out. 2016.

GOOGLE TRENDS. **Discurso de Ódio**. Disponível em: <www.google.com.br/trends/explore?geo=BR&q=/m/03plx&hl=pt-BR>. Acesso em: 18 out. 2016.

GOOGLE. **Hater**. Disponível em: <goo.gl/7o8Szo>. Acesso em 18 out. 2016a.

GOOGLE, Imagens. **Bait**. Disponível em: <goo.gl/oGRR7W>. Acesso em 25 out. 2016b.

GUMUCIO, Rafael. Terry Eagleton: "O fundamentalismo não é ódio, é medo". **El País**, Madrid, 15 ago. 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/08/internacional/1470658452_112309.html>. Acesso em: 10 set. 2016.

HALLAL, Roberto Curi. **Sobre o Ódio**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. **Outro Olhar: Revista de Debates**, Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p.44-55, nov. 2007. Mensal. Disponível em: <http://files.cacoifbavca.webnode.com/200000606-18aaf19a42/kehl_juv_sintoma.pdf#page=43>. Acesso em: 24 nov. 2016.

LOPES, Helena Theodoro (Ed.). Educação e Identidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 63, n. 2, p.38-40, out. 1987. Trimestral.

MOBY & The Void Pacific Choir - **Are You Lost In The World Like Me (Official Video)**. Direção de Steve Cutts. Produção de Moby. Intérpretes: Moby & The Void Pacific Choir. Música: Are You Lost In The World Like Me. Nova Iorque: Little Idiot; Mute, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VASywEuqFd8&ab_channel=Moby>. Acesso em: 18 out. 2016.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**. v. 23, n. 78, p.15-36, abr. 2002. Mensal.

PIERRUCI, Flávio. As ciladas da diferença. **Revista de Sociologia**, São Paulo, USP, v. 2, n. 2, Ago. 1990. Semestral.

POSTAGEM, **[Postagem no Grupo da UNICAMP no Facebook]**, postado em: <www.facebook.com/groups/GrupoUnicamp/?fref=ts> em 18 out. 2016. Acesso em: 25 out. 2016.

PUCCI, B. Educação contra a Intolerância. In: FÁVERO, Altair Alberto; DALBOSCO, Cláudio Almir; MARCON, Telmo. (Org.). **Sobre Filosofia e Educação**: racionalidade e tolerância. 1ª ed. Passo Fundo, RS: Editora UFP/DAAD, 2006, v., p. 404-418. Disponível em: <<http://www.unimep.br/~bpucci/educacao-contra-a-intolerancia.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016

RIVIÈRE, Joan. Ódio, Voracidade e Agressividade. In: KLEIN, Melanie; RIVIÈRE, Joan. **Amor, Ódio e Reparação**. 2. ed. São Paulo: Imago, 1975. Cap. 1. p. 13-71. Coleção Psicologia Psicanalítica, Vol. 2.

SAFATLE, Vladimir. Amar uma Ideia. In: HARVEY, David et al. **Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 45-56. Coleção Tinta Vermelha. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=HMp6BM9vE8YC&oi=fnd&pg=PA6&dq=Vladimir+Safatle&ots=s7aowi9LB6&sig=ulmzRAv3CHqwcewq40P6kIVhSb0#v=onepage&q=Vladimir+Safatle&f=false>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SILVA, Analise de Jesus da. Juventude e partilha de saberes na escola pública. **Outro Olhar: Revista de Debates**, Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p.6-11, nov. 2007. Mensal. Disponível em: <http://files.cacoifbavca.webnode.com/200000606-18aaf19a42/kehl_juv_sintoma.pdf#page=43>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SIQUEIRA, Paulo Cezar Goulart. **Soco na Cara, Protestos 13/03 e Teatro**. São Paulo: Maspoxavida, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HOtwMh1WM4&ab_channel=maspoxavida>. Acesso em: 20 out. 2016.

SOBRE Facebook. 2004. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 22 nov. 2016.

SOBRE o YouTube. 2005. Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

TEIXEIRA, Vitor. **GOLPE**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://twitter.com/vitortcartoons/status/794610551150280704>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

TODD, Amanda. **My Story**: Struggling, bullying, suicide, self harm. Música: "Hear You Me" por Jimmy Eat World. [S.l.]: Thesomebodytoknow, 2012a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=vOHXGNxE7E&ab_channel=TheSomebodytoknow>. Acesso em: 20 out. 2016.

TODD, Amanda. **Cover of Outside Looking In by Jordan Pruitt**. Música: "Outside Looking In" por Jordan Pruitt. [S.l.]: Thesomebodytoknow, 2012b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DtEtFeaPoEw&ab_channel=TheSomebodytoknow>. Acesso em: 20 out. 2016.

TOMASELLI, Tovar. **Algumas Considerações sobre a Empatia**. São Paulo: Redepsi, 2008. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2008/01/04/algumas-considera-es-sobre-a-empatia/>>. Acesso em: 20 out. 2016.